

O Poder das Ideias

A VIDA, A OBRA E AS LIÇÕES DE LUDWIG VON MISES

Helio Beltrão

Rodrigo Constantino

Wagner Lenhart

O Poder das Ideias

A VIDA, A OBRA E AS LIÇÕES DE LUDWIG VON MISES

Helio Beltrão

Rodrigo Constantino

Wagner Lenhart



A viabilidade deste livro só foi possível pela credibilidade conquistada pelo Instituto de Estudos Empresariais e seu mais notório ativo: O Fórum da Liberdade.

Durante esses 26 anos de trabalho intenso, o IEE tem conseguido ensinar a importância do valor de Liberdade a jovens lideranças empresariais, garantindo não somente a sua existência, mas também, por meio do Fórum da Liberdade e sua expansão, a manutenção da esperança de vivermos em um país mais livre.

O Fórum tem atraído a atenção de ilustres pessoas e instituições, que vêm, ano a ano, integrando suas atividades ao calendário do Fórum, sempre em abril.

No ano de 2010, vários parceiros, como Instituto Millenium, Ordemlivre.com, Atlas Foundation, Relial, FNST, entre outros, participaram da realização da XXIII Edição. Um agradecimento, porém, deve ser especial: ao Instituto Mises Brasil, presidido por um dos autores desta obra.

Foi por intermédio dele que nos aproximamos do Mises Institute, instituição que foi fundamental para a concretização desse livro, disponibilizando fotos, dados e a referência bibliográfica que serviu de base para o capítulo “*A vida de Ludwig von Mises*”, com destaque para as obras “*The Essential von Mises*” e de “*Mises – The Last Knight of Liberalism*”, esta última de autoria do Professor Jörg Guido Hülsmann, a quem também agradecemos.

Para finalizar os agradecimentos, um muito obrigado a Rodrigo Constantino, Helio Beltrão e Wagner Lenhart, autores conjuntos desta obra, com destaque ao último, também organizador dela.

Aproveite,

Leonardo Fração

Presidente IEE
Gestão 2009/10

INTRODUÇÃO

Em maio de 2009, a Diretoria do Instituto de Estudos Empresariais (IEE) se reuniu para definir o tema da vigésima terceira edição do Fórum da Liberdade, a ser realizada nos dias 12 e 13 de abril de 2010. De pronto, logo no início do encontro, o recém-eleito presidente do Instituto, Luiz Leonardo Fração, apresentou uma ideia que já lhe acompanhava há algum tempo: o Fórum deveria buscar inspiração no livro *As Seis Lições* e representar uma grande homenagem ao seu autor, Ludwig von Mises.

Naquela oportunidade, ficou estabelecido que cada painel do evento abordaria um capítulo da dita obra (capitalismo, socialismo, intervencionismo, inflação, investimento externo e políticas e ideias). Mais, o tributo ao grande pensador austríaco não se limitaria aos painéis do Fórum, pois outros projetos seriam realizados com o intuito de divulgar as ideias de Mises.

Diante dessas definições, o IEE fez contato com um velho amigo, Helio Beltrão, presidente do Instituto Mises Brasil, visando estabelecer uma parceria que viabilizasse a realização de outras iniciativas no entorno do Fórum da Liberdade. E foi a partir daí que, contando com o suporte do IMB, projetos como a republicação de *As Seis Lições*, a mostra cultural *As Lições de Mises*, o novo volume da série *Pensamentos Liberais* e, principalmente, o presente livro tomaram forma e se tornaram realidade.

De fato, este *O Poder das Ideias* representa o fechamento de uma série de homenagens destinadas a um gênio pouco conhecido no Brasil, que, bem por isso, já estava por merecer, há muito tempo, um tomo que, em português e linguagem acessível, oportunizasse ao leitor brasileiro um maior contato com a sua biografia e os seus ensinamentos.

As páginas que seguem foram divididas em três capítulos: A Vida, A Obra e As Lições. No primeiro capítulo, é contada a fascinante história desse prodígio acadêmico que, em razão da ascensão nazista, precisou deixar o seu continente natal para buscar a paz e a liberdade de pensamento nos Estados Unidos da América. A segunda parte apresenta, de maneira resumida, a obra de Mises, discorrendo sobre as suas principais teorias e os livros de sua autoria que continuam sendo publicados até hoje. Por fim, o terceiro capítulo, fazendo uso do esquema da obra *As Seis Lições*, traz uma amostragem dos seus ensinamentos, por meio de suas próprias palavras, em um texto que congrega notas explicativas e uma seleção de citações.

Com o presente volume, o Instituto de Estudos Empresariais e o Instituto Mises Brasil destacam as lições de uma mente singular, de um homem que jamais abriu mão de suas convicções, mesmo que isso significasse menos fama e fortuna, de alguém que sempre acreditou na liberdade, na paz e no poder das ideias.

Wagner Lenhart - Porto Alegre, 06 de maio de 2010.

Copyright © 2010 by
Helio Beltrão, Rodrigo Constantino & Wagner Lenhart

Todos os direitos reservados a
Helio Beltrão, Rodrigo Constantino & Wagner Lenhart

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V945p Beltrão, Hélio
O poder das ideias : a vida, a obra e as lições de Ludwig
Von Mises / Hélio Beltrão, Rodrigo Constantino, Wagner
Lenhart. – Porto Alegre: IEE, 2010.
109 p. : il.

A obra faz parte de uma série de homenagens a Ludwig
Von Mises.

1. Von Mises, Ludwig, 1881-1973. 2. Economistas –
Biografia. 3. Von Mises, Ludwig – Crítica e Interpretação.
I. Título.

CDU 33(0929)
929Von Mises, Ludwig

Bibliotecária Responsável: Iara Breda de Azeredo - CRB 10/1379

SUMÁRIO

11	A VIDA Helio Beltrão
57	A OBRA Rodrigo Constantino
81	AS LIÇÕES Wagner Lenhart

A VIDA



Lviv: vista do centro histórico

OS ANOS EM VIENA

Mises nasceu em 29 de setembro de 1881, na cidade de Lemberg (atualmente Lviv), na Galícia¹, que fazia parte da Áustria-Hungria², então a segunda maior entidade política da Europa, atrás apenas da Rússia.

O evento determinante para a formação da Áustria-Hungria foi a Batalha de Königgrätz, ocorrida em 1866 entre o Império Austríaco e a Prússia, que saiu vencedora. Como consequência, a Casa de Habsburgo (família de monarcas que controlava o Império Austríaco) perdeu força tanto internacionalmente quanto dentro de suas fronteiras, onde se reacenderam antigos movimentos separatistas. A solução encontrada pelos Habsburgos foi fazer um pacto com os poderosos príncipes e nobres que controlavam o reino da Hungria. O acordo, conhecido como o *Compromisso Austro-Húngaro de 1867*, estabelecia a gestão por dois parlamentos, um na Áustria, outro na Hungria, sob um único imperador. Assim, Francisco José I, da Casa de Habsburgo, detentor da coroa austríaca desde 1848, tornou-se imperador também da Hungria.

¹ A Galícia, que não deve ser confundida com a Galícia espanhola, é hoje parte da Ucrânia.

² A Áustria-Hungria, ou Império Austro-Húngaro, foi um Estado monárquico no leste europeu que resultou da união entre o Império Austríaco e o reino da Hungria. Era composto de múltiplas nacionalidades que se emanciparam do império ao final da Primeira Guerra Mundial e atualmente correspondem a Áustria, Hungria, Eslovênia, Croácia, Bósnia-Herzegovina, Eslováquia, República Checa; e partes da Ucrânia, Polônia, Romênia, Itália, Alemanha (sudoeste, área que inclui a Floresta Negra) e Sérvia.



Mapa geográfico da Áustria-Hungria por volta de 1910.

Os pais de Ludwig, Arthur Edler von Mises e Adele von Mises³, eram judeus da Galícia, região cuja etnia mesclava poloneses, alemães, judeus e russos⁴. O pai era engenheiro de construção e trabalhava para empresas ferroviárias. A mãe cuidava do lar, como era habitual à época. Embora não fossem ricos, pode-se dizer que faziam parte da burguesia, pois, por exemplo, tinham empregados em casa. Adele se esmerou em educar Ludwig e seus dois irmãos mais novos: Richard, que se tornaria grande matemático e físico⁵, e Karl, morto ainda criança, vítima de escarlatina.

Arthur e Adele casaram-se em 1880 em Lemberg, que era a principal cidade da região⁶. Ludwig von Mises veio ao mundo a tempo de nascer como nobre⁷, uma vez que seu bisavô Meyer Rachmiel Mises fora agraciado com título de nobreza em maio de 1881 (ver brasão abaixo). Meyer incentivou seus filhos a se especializar nas duas mais influentes atividades do século XIX, ferrovias e bancos.

³ Seu nome de solteira era Adele Landau e vinha de família socialmente importante. Um tio de Adele, Dr. Joachim Landau, foi deputado pelo partido liberal no parlamento austríaco.

⁴ A Galícia, na entrada do século XX, contava com aproximadamente cinco milhões de habitantes.

⁵ Richard von Mises foi também projetista e piloto de avião. Escreveu vários livros.

⁶ Embora os judeus representassem menos de 10% da população da Galícia, habitada massivamente por poloneses, em Lemberg compunham quase a metade da população.

⁷ E receber *von* como parte de seu nome.



Richard (irmão), Ludwig (com 15 anos), Adele (mãe), e Karl (irmão)



Arthur, pai de Mises



Moeda de 1880 com retrato de Meyer Rachmiel Mises, bisavô de Ludwig von Mises (acima). Brasão da família Mises (abaixo), com o mastro de Mercúrio, deus do comércio e da comunicação (canto superior direito), e os dez mandamentos (canto inferior esquerdo).

Desde o fim do século XVIII, boa parte dos judeus galicianos buscava emancipar-se do domínio exercido pelos nobres poloneses. Para diluir tal hegemonia, apoiavam a crescente *germanização*⁸ da Galícia. A família Mises teve forte papel na germanização, que era crucial para suas atividades, e até chegou a ter sucesso. Porém, o *Compromisso Austro-Húngaro* trouxe concessões generosas à nobreza, que assim logrou reverter a germanização, finalmente dissipada de vez em torno da década de 1890. Dadas as circunstâncias, Arthur e Adele decidiram mudar para Viena em 1886 ou 1887, quando Ludwig tinha cerca de cinco anos.



Ludwig von Mises criança



Karl, Ludwig e Richard

Viena era o centro administrativo, cultural, científico e econômico do Império dos Habsburgos, mas para os padrões europeus era uma cidade pequena.

Em 1892, com onze anos, Mises entrou no *Akademischen Gymnasium*, colégio de elite de educação humanista, onde estudaria pelos oito anos seguintes⁹. De trinta e três alunos, foi o sexto melhor da classe. Sua disciplina preferida era História.

⁸ Difusão da secular cultura germânica por meio da atração de imigrantes alemães, da difusão da língua alemã, da criação de escolas e da inserção na cultura e nos negócios, entre outras táticas.

⁹ Somente cinco por cento dos jovens candidatos eram admitidos no *Gymnasium*. Mises foi educado no programa clássico, o mais sofisticado, que continha oito horas por semana de latim e seis horas por semana de grego, incluindo a leitura dos antigos clássicos como Temístocles, Platão, Aristides, Ovídio, Cícero, Virgílio, Tacitus, Xenofonte, Homero, Heródoto, e Sófocles. Também continha aulas de alemão, matemática, geografia, história natural, religião e caligrafia.

Mises, quando adulto, discorreria sobre os benefícios do estudo da História:

“O estudo da história abre a mente para o entendimento da natureza humana e seu destino [...]. A cultura pessoal é mais do que a mera familiaridade com o estado atual da ciência, tecnologia e assuntos cívicos. É mais do que a familiaridade com livros, pinturas e a experiência de viagens e visitas a museus. É a assimilação das ideias que despertaram a humanidade da rotina inerte de pura existência animal para uma vida de razão e questionamento. É o esforço do indivíduo para humanizar-se através da absorção das melhores tradições que nos foram transmitidas pelas gerações passadas”.



Ludwig (12 anos), Arthur, Richard, Adele, e Karl

O seu interesse por história o levou aos rumos da economia. Gostava particularmente das questões práticas, de natureza econômica, política e social. Costumava colocar a si próprio questões como estas: como poderiam os governos melhorar a vida do povo?; quais seriam as causas dos conflitos étnicos e sociais e como se poderia combatê-los?; quais as causas do crescimento do padrão de vida durante o século XIX?; como se poderia melhorar o padrão da classe trabalhadora? Voltado para o estudo de disciplinas que poderiam auxiliá-lo nas grandes questões políticas de sua época, escolheu seguir a carreira de economista. Mais tarde comentaria:

“Nada pode ser compreendido sobre assuntos como inflação, crises econômicas, desemprego, sindicalismo, protecionismo, taxaço, controles econômicos e assuntos dimilares, que não envolva nem requeira os pressupostos da análise econômica [...]. Aquele que discorre sobre tais assuntos sem se familiarizar com as ideias fundamentais da teoria econômica é simplesmente um tagarela que, assim como uma arara, repete o que pescou incidentalmente de outros que não são mais bem informados que ele próprio”.

Ao concluir o *Gymnasium*, ingressou na Universidade de Viena, em 1900, no curso de Direito. Cumpriu os dois anos do curso básico, que consistia unicamente de História do Direito e, em seguida, fez intervalo de um ano para servir na Divisão de Artilharia Imperial¹⁰. O currículo da universidade, nos dois anos seguintes, consistia de palestras e seminários¹¹ para familiarização com as leis vigentes em Direito Civil, Direito Penal e Processo Legal. Ciências relacionadas ao Direito, como Economia, História Econômica e Administração Pública completavam o currículo.

¹⁰ Atendendo às obrigações compulsórias de serviço militar que eram impostas aos judeus desde 1788.

¹¹ Os seminários reuniam grupos pequenos de estudantes em torno de um professor que direcionava a leitura e a pesquisa. Os estudantes preparavam monografias, e as melhores eram publicadas.

Ainda no ciclo básico, Mises se inscreveu no seminário de Carl Grünberg, estudioso que pertencia à chamada Escola Histórica de Economia¹², associada a Gustav Schmoller. Imediatamente começou a escrever uma longa monografia sob o título *Desenvolvimento das Relações entre Nobres e Camponeses na Galícia – 1772-1848*, que teve publicação em 1902 na prestigiosa revista do departamento, *Estudos Vienenses em Ciência Governamental*.

Como se nota, estreou na carreira acadêmica como defensor da Escola Histórica de Economia (antagônica à Escola Austríaca, da qual faria parte anos depois). No início, era enorme a sua confiança na capacidade do Estado para tornar a sociedade mais próspera. Com a publicação de sua monografia, Mises era visto como uma jovem estrela da Escola Histórica.

Quando retornou à universidade, Ludwig teve seu primeiro contato com a Escola Austríaca, ao se inscrever no seminário de Eugen von Philippovich, pupilo de Carl Menger.

Mais de trinta anos antes, em 1871, Menger havia publicado o famoso livro *Princípios de Economia Política*¹³, por meio do qual se tornou um dos pioneiros da crucial revolução marginalista, que surgiu pela publicação quase simultânea e independente de livros que introduziram o conceito de utilidade marginal. Foi durante os anos 1880, enquanto lecionava na Universidade de Viena, que Menger travou a célebre disputa contra Gustav Schmoller – a chamada *disputa sobre método* –, que polarizou os economistas entre *historicistas* e os que vieram a ser conhecidos como economistas da Escola Austríaca¹⁴. Na virada do século, Menger contava com significativo número de pupilos na vida acadêmica. Entre os mais importantes, estavam Eugen von Böhm-Bawerk e Friedrich von Wieser, além do próprio Philippovich, excelente pedagogo e autor do principal livro-texto de economia no início do XX.



Carl Menger, fundador da Escola Austríaca



Wieser



Philippovich



Böhm-Bawerk

¹² A Escola Histórica de Economia surgiu na Alemanha no século XIX, e defende que a história seja a principal fonte de conhecimento sobre ação humana e economia, em contraposição a escolas que defendem teoremas econômicos. Professam que a economia não deve gerar teoremas e não é generalizável no tempo e no espaço, por ser dependente da cultura de cada povo. A Escola Austríaca se contrapõe à Escola Histórica em suas premissas fundamentais. A Escola Histórica associada a Gustav é um pouco posterior à Escola Histórica original, e é geralmente chamada de *jovem* Escola Histórica.

¹³ O livro *Princípios de Economia Política* é considerado o ponto de partida da chamada Escola Austríaca moderna.

¹⁴ O nome Escola Austríaca foi usado pela primeira vez pelo próprio Schmoller, e tinha conotação depreciativa.

A respeito da obra de Menger *Princípios de Economia Política*, Mises afirmaria posteriormente que ela “o tornou um economista”. Com o seminário de Philippovich, Mises passou a se questionar e a rever seu pensamento. A mudança foi lenta, pois mesmo oito anos mais tarde, ao publicar seu primeiro livro *austríaco, Teoria da Moeda e do Crédito* (1912)¹⁵, ainda não era o Mises plenamente libertário que surgiria em *Ação Humana*¹⁶, décadas adiante.

Graduou-se em 1906 com o título de *doctor juris utriusque* – equivalente ao doutorado. Frequentou o seminário de Böhm-Bawerk desde sua abertura, em 1905, até o falecimento de Böhm-Bawerk, em 1914. Esse mestre havia alcançado notoriedade internacional pela publicação, em 1884, de um alentado tratado de dois volumes, *Capital e Juros*, além de haver sido ministro das finanças do Império Austríaco em quatro oportunidades.

¹⁵ O título em alemão *Theorie des Geldes und der Umlaufsmittel* é mais bem traduzido como *Teoria da Moeda e do Meio Fiduciário*.

¹⁶ Em *Teoria da Moeda e do Crédito*, Mises ainda defende intervenções governamentais, ridiculariza o uso de moedas de ouro e prata, acredita no poder dos sindicatos em aumentar o padrão de vida dos empregados, além de fazer outras asserções de conotação estatista.

A ESCOLA AUSTRÍACA NA ENTRADA DO SÉCULO XX

Por volta da segunda metade do século XIX, a economia clássica de David Ricardo e John Stuart Mill submergia nas falhas conceituais. Os economistas clássicos não conseguiam explicar os determinantes dos valores absoluto e relativo dos bens e serviços. Isso ficou ilustrado pelo *paradoxo do valor*, também conhecido como *paradoxo da água e do diamante*: o preço da água é bem menor que o do diamante, embora a água seja indispensável, e o diamante, não. Sem entender as causas fundamentais do valor, os economistas clássicos propuseram que fosse inerente às mercadorias, apontando os custos de produção, em especial os custos do trabalho, como principais fatores definidores dos preços¹⁷.

Menger, baseando-se em Aristóteles e nos escolásticos tardios da Escola de Salamanca¹⁸, acreditava que a teoria econômica pudesse descrever a realidade. Em outras palavras, defendia a metodologia de uma *teoria empírica*, segundo a qual a prática atesta o grau de conformidade das previsões na teoria econômica. Embora o termo *teoria empírica* pareça uma contradição, reflete o fazer da ciência moderna: de um lado, há uma teoria proposta, e, de outro, uma realidade que deve confirmá-la ou negá-la.

Usando esse método, Menger buscou os fenômenos elementares explanatórios do valor e dos preços. Sua engenhosa conceitualização baseava a análise nos indivíduos (ou agentes) e nas suas decisões fundamentais, que envolvem sempre uni-

¹⁷ Karl Marx mais tarde concluiu que o lucro obtido por capitalistas é injustamente extorquido dos trabalhadores, uma vez que o valor é produto da quantidade de trabalho aplicada. O raciocínio tem alguma coerência, mas está equivocado por partir da errônea teoria de valor dos economistas clássicos.

¹⁸ Denomina-se Escola de Salamanca o pensamento de teólogos espanhóis e portugueses que, nos séculos XVI e XVII, desenvolveram reflexões sobre direito, teologia, moral, propriedade, economia e outros aspectos da vida. A Escola de Salamanca não chegou a elaborar uma doutrina econômica efetiva, mas estabeleceu os primeiros conceitos para a ciência econômica moderna.

dades *discretas* ou *marginais* de determinados produtos ou serviços¹⁹. Afirmou que os valores são subjetivos, isto é, que dependem do indivíduo, e não do bem em si²⁰. Também considerou fenômenos primários a incerteza e o erro decorrentes da passagem do tempo, bem como a questão do *controle* ou propriedade sobre os fatores de produção.

Menger, portanto, resolveu o paradoxo do valor, ousadamente descartando os custos de produção em sua formulação da teoria do valor. Uma consequência de sua teoria – de que todo e qualquer valor decorre da avaliação subjetiva dos indivíduos – é que a superestrutura da economia de mercado é necessariamente voltada para atender às necessidades dos consumidores²¹.

Menger foi forçado a abdicar prematuramente de sua cadeira na Universidade de Viena em 1902, ao admitir a paternidade de um filho com sua empregada. Não obstante, a doutrina mengeriana já era influente, e seus seguidores tinham luz própria.

Böhm-Bawerk seguia a linha mengeriana, e no seu *Capital e Juros*, de 1884, expandiu a teoria de valor de Menger para os preços dos fatores de produção, que seriam *derivativos* dos preços ao consumidor ou, como dizia, *imputados*. Adicionalmente, desenvolveu a famosa teoria da preferência temporal dos juros, que sustentava não terem os juros qualquer relação com a produção, além de não serem produzidos pelas pessoas. Defendeu que os juros seriam apenas o *spread* resultante da preferência por bens no presente. Sua teoria dos juros, ao considerá-los não inerentes ao sistema capitalista, trazia implicações políticas relevantes, pois embutia a ideia de que o fenômeno dos juros está presente em qualquer sistema econômico, na medida em que decorre da preferência temporal.

Wieser distinguia-se dos adeptos da doutrina mengeriana por considerar o valor econômico como sendo de natureza psicológica e, ainda assim, mensurável. Ele defendia, portanto, uma síntese entre Menger e o inglês William Stanley Jevons, para quem a influência da utilidade pode ser medida indiretamente. Wieser afir-

¹⁹ A revolução marginalista surgiu independentemente, em 1871, com Menger em Viena, William Stanley Jevons, na Inglaterra, e Leon Walras, em Lausanne, Suíça (nesse caso, em 1874).

²⁰ Vários outros pensadores, tais como Condillac e muitos escolásticos tardios, já haviam defendido que os valores eram objetivos, mas Menger integrou o conceito com outros e formulou uma teoria econômica original.

²¹ Adicionalmente, sua teoria de valor marginal tornou irrelevantes os conceitos neoclássico e marxista de valor-trabalho e mais-valia, que segundo ele não podem ser verificados pelo conhecimento humano.

mava ser possível fazer operações aritméticas com valores econômicos e não via diferença fundamental entre *valor* e *preço*. Em vários outros aspectos, suas ideias diferiam substancialmente da doutrina mengeriana. Porém, pela posição de sucessor da cadeira de Menger na Universidade de Viena – posto que ocupou de 1903 a 1926 –, teve maior projeção que Böhm-Bawerk. A Escola Austríaca no *fin de siècle* era dominada por Wieser. A jovem terceira geração²², formada principalmente por Mises, e a quarta geração – Hayek, Machlup, Morgenstern, Haberler e outros – sofreram inicialmente a influência de Wieser, e de modo geral desconheciam o livro *Princípios de Economia Política* de Menger, que estava esgotado desde os anos 1880.

Em paralelo, Joseph Schumpeter, que também frequentava o seminário de Böhm-Bawerk, esquivava-se da *disputa sobre método*. Para Schumpeter, a única base para o conhecimento era a observação do mundo exterior – ou seja, ele era um positivista. Schumpeter se eximia de discutir a teoria do valor, afirmando ser irrelevante se os preços derivam da avaliação subjetiva do agente ou dos custos de produção. Para ele, a teoria do valor mengeriana era apenas uma hipótese, que julgava superior à tese clássica, não por estar certa, mas por apresentar mais poder explanatório para os preços de mercado. Schumpeter foi o primeiro teórico econômico positivista, e teve influência sobre a metodologia econômica de Milton Friedman, quarenta anos depois.

Ao passo em que Wieser elaborava novas teses baseadas em Jevons, Schumpeter trouxe as ideias do *equilíbrio-geral* de Walras para Viena – essa combinação faria com que Viena se tornasse um dos centros da emergente síntese neoclássica.

Os dez anos de seminário de Böhm-Bawerk exerceram grande impacto em Mises. Böhm-Bawerk era dotado de notável originalidade e vigor intelectual, e era um modelo de economista político. Por outro lado, as ideias de Wieser não encontravam eco em Mises, cujas raízes na Escola Histórica o impediam de aceitar as premissas especulativas de Wieser.

²² A primeira geração foi a de Carl Menger, e a segunda geração, de Böhm-Bawerk, Wieser, Philippovich e outros.

MISES ESTREIA COM TEORIA DA MOEDA E DO CRÉDITO

Em 1906, Mises aceitou um emprego público na administração fiscal local, mas a burocracia acachapante e a dependência das vontades de seus superiores o levaram a pedir demissão poucos meses depois. Passou dois anos em treinamento nas cortes de Viena, para trabalhar como advogado de foro e iniciar uma carreira privada. Foi admitido pela renomada firma de Robert Pelzer, mas seguia procurando outras opções.

Enquanto isso, na vida acadêmica, recebeu uma oferta, em 1907, para lecionar economia na Academia Comercial para Moças. Em 1908, tornou-se membro do Centro de Reforma Imobiliária, uma associação com o objetivo de melhorar as condições de moradia em Viena, questão importante na agenda no parlamento austríaco. Mises elaborou um memorando, plenamente endossado pelo Centro, argumentando contra a taxação praticada.

Finalmente, em 1909, encontrou um emprego a seu contento no comitê-gestor da Câmara de Comércio e Indústria da Áustria Menor, ou *Kammer*, grupo privado de defesa dos interesses comerciais e industriais, dotado de grande influência política. Mises ficaria nesse emprego pelos vinte e cinco anos seguintes.

“A Kammer me ofereceu o único posto no qual podia trabalhar na Áustria [...]. Eu criei um espaço para mim próprio. Oficialmente, jamais deixei de ser um gerente no comitê-gestor da Kammer [...]. Sempre tive um chefe no papel [...]. Mas meu cargo era incomparavelmente superior ao de qualquer outro funcionário da Kammer ou de qualquer outro cidadão austríaco, exceto os que presidissem partidos políticos. Eu era o economista-chefe do país”.

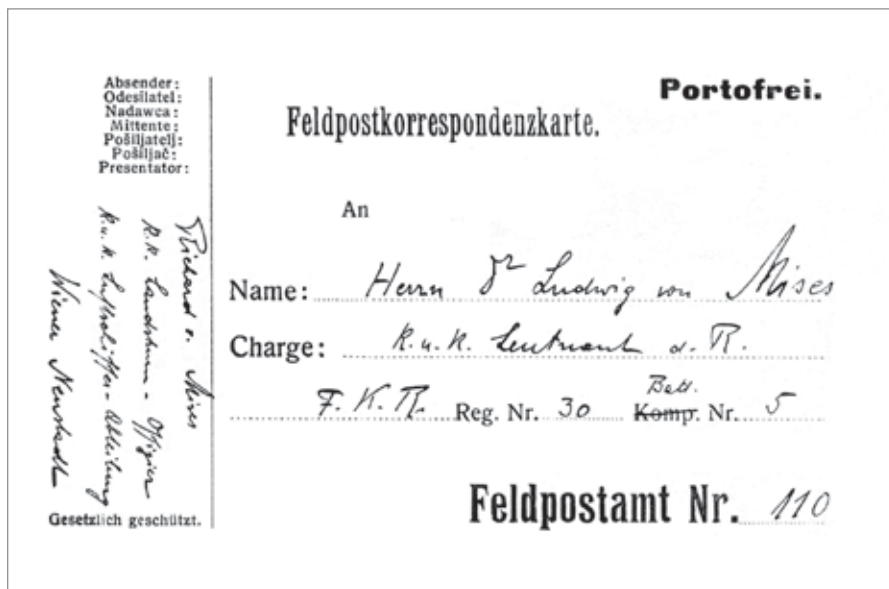
Seu primeiro trabalho como analista foi liderar uma campanha contra o aumento dos impostos propostos pelo Ministério das Finanças. Foi nomeado negociador principal junto ao Ministério, e alcançou um acordo que protegia o interesse dos associados da *Kammer*. Desde o princípio, seus relatórios se destacavam pelo alto padrão de análise e ousadia de suas proposições, e eram referidos na imprensa de Viena como “profundos”, “abrangentes”, “muito investigativos”, e “ricamente documentados com comprovação quantitativa”. Em 1912, Mises foi promovido ao cargo de conselheiro.

Publicou, em 1912, a *Teoria da Moeda e do Crédito*, livro no qual realiza a impressionante integração da macroteoria monetária com a microteoria do valor marginal. Além desse feito, dissecou o fenômeno da distribuição não equitativa do papel fiduciário criado pelos bancos centrais – o chamado efeito *Cantillon*. Finalmente, elabora os rudimentos de uma pioneira teoria de ciclos econômicos. O impacto de longo prazo foi notável. A obra continua nos catálogos e ainda vem sendo publicada, após quase cem anos.

Böhm-Bawerk dedicou dois semestres inteiros à discussão do livro, uma honra que nem mesmo Schumpeter obteve. Não obstante, os seguidores ortodoxos de Böhm-Bawerk se recusaram a aceitar a ruptura proposta por Mises, que por sua vez foi levado a criar sua própria linha de pensamento, a linha “misesiana” ou “neoaustriaca” da terceira geração.



Mises



Cartão postal para o tenente Mises de seu irmão, Richard, piloto do exército, 1914.

A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

Mises foi recrutado como tenente para o combate, em agosto de 1914, e seguiu para a Galícia, no chamado *front norte*. A Áustria-Hungria e seus aliados alemães travavam a guerra em três frentes: uma contra a Rússia, uma contra a Sérvia, e outra na linha ocidental. A Rússia²³ começou vencendo várias batalhas, por ter superioridade numérica, e, ainda em 1914, dez mil refugiados da Galícia seguiram para Viena. Mises juntou-se ao regimento número 30 de artilharia, que era um dos principais alvos do inimigo. A bateria que liderava tinha de se locomover continuamente sob fogo. Havia um detalhe curioso: como as roupas não eram impermeáveis, Mises pediu auxílio à sua mãe, e Adele enviou vários pacotes de roupas e calças de lã para os soldados.

²³ Nessa época a Rússia contava cerca de 170 milhões de habitantes, contra 63 milhões da Alemanha e 49 milhões da Áustria-Hungria.



Medalhas de Mises na Primeira Guerra Mundial

Enquanto os russos operavam em regime de controles centralizados, na Áustria-Hungria havia mais liberdade operacional e econômica. Consequentemente, a Áustria-Hungria detinha uma vantagem comparativa. Teve vitórias importantes que levaram ao colapso dos russos em maio de 1915, a despeito da adesão italiana à Tríplice Entente (Grã-Bretanha, França e Rússia). Em agosto de 1915, a Áustria-Hungria retomou Lemberg, o que permitiu a Mises finalmente tirar férias de duas semanas depois de um ano de batalha, e recuperar-se de uma lesão nos quadris, que o incomodou por anos.

Foi instituído o Comitê Científico da Economia de Guerra, composto por militares, estudiosos importantes e políticos influentes, que implementou medidas centralizadoras de gestão econômica. A política de inflação financiava a guerra, e era complementada por controle de preços. Com a inevitável escassez e o aparecimento do mercado negro, foram tomadas medidas intervencionistas de produção e alocação de produtos industriais e matérias-primas. Depois da guerra, Mises afirmaria que essas ações seriam a “organização da derrota”, uma vez que solaparam a vantagem comparativa da Áustria-Hungria.

Em maio de 1916, foi convocado pelo Comitê Científico. Mises esteve sempre disposto a transmitir sua opinião, mesmo a superiores e mesmo sob o risco de retaliações. Já havia colocado sua vida em risco, e considerava seu dever sempre dizer a verdade. Defendeu que conquistas territoriais não confeririam benefícios econômicos, e publicou um trabalho acadêmico com esse mote na revista *Archiv* de Max Weber. Coincidentemente ou não, foi convocado a voltar ao *front* em dezembro de 1916, por mais um ano²⁴.

²⁴ Mises já havia voltado ao front depois de suas férias, por um período de seis semanas, em 1916.

O *front* estava relativamente calmo. Em março de 1917, a monarquia russa foi derrubada e, como o governo provisório russo não queria continuar a guerra, em setembro de 1917 o combate cessou. Mises foi realocado para a fronteira italiana. A vitoriosa batalha de Isonzo, em outubro e novembro, seria a última vez em que Mises usaria armas de verdade. Em Isonzo, despendeu seis cansativas semanas sob o fogo, o frio dos Alpes, sentindo forte dor nos quadris.

Finalmente, em dezembro de 1917, deixou o *front*, e foi recrutado pelo Ministério da Guerra em Viena, após 18 meses de serviço militar. O início de 1918 foi uma fase bastante próspera. Foi promovido a capitão, retomou seu seminário na Universidade de Viena, e foi nomeado pelo imperador como *Professor Extraordinarius* – o mesmo cargo de outros professores de renome, porém sem remuneração.

Por conta da política intervencionista e inflacionária, a Alemanha e a Áustria-Hungria entraram em colapso em 1918, o que culminou com sua derrota. A Áustria-Hungria desintegrou-se em vários países, e a parcela que hoje conhecemos como Áustria declarou sua intenção de ser anexada à Alemanha, o que demoraria a ocorrer efetivamente.

A nova República da Áustria viu a ascensão dos social-democratas, sob a liderança de Otto Bauer²⁵ e Karl Renner. Bauer era um radical que queria a tomada do poder pelo proletariado, ao estilo russo. Convidou Mises para ser ministro das Relações Exteriores, função na qual serviria como consultor e negociador nas tratativas de paz. Um de seus feitos foi obstar um possível golpe bolchevique liderado pelo próprio Bauer em Viena. Mises convenceu Bauer de que os aliados cortariam as linhas de suprimento, e o resultado seria fome e anarquia. Mises diria mais tarde que “foi basicamente por meus esforços que o bolchevismo não tomou Viena”.

Os novos governantes social-democratas assumiram políticas de expropriação e nacionalização, além de continuar a política inflacionária para compensar a dramática queda de receita. Já no início de 1919, estatizaram os setores de carvão e de minério. Também em 1919, foi aprovada uma lei proibindo qualquer título de nobreza ou de honra, e Mises foi obrigado a adotar o nome *Ludwig Mises*.

Novas funções na *Kammer* sobrevieram. Mises foi nomeado chefe da recém-criada Divisão de Moeda e Crédito, que exerceria uma crescente liderança na Áustria.

²⁵ Otto Bauer era ex-colega de Mises no seminário de Böhm-Bawerk.

Retomou seus seminários como professor de economia da Universidade de Viena. Sempre encorajava seus alunos a pesquisar e escrever artigos. Foi cofundador de um notório grupo de discussões teóricas, que veio a ser chamado de *Nationalökonomische Gesellschaft* (Sociedade Econômica). Como sentia falta de um fórum de discussão de nível avançado, organizou um exclusivíssimo seminário para as melhores mentes, entre as quais figuravam Friedrich Hayek, Gottfried Haberler, Alfred Schütz e Fritz Machlup.

ENTREGUERRAS

No período de 1920 a 1934, Mises esteve no auge de sua produção intelectual. Para começar, aos 39 anos, publicou o famoso trabalho *Cálculo Econômico no Socialismo*, que deu origem ao não menos famoso tratado *Socialismo*, de 1922, uma brilhante contribuição à crítica do marxismo. Ainda nesse período, teve seu prestígio ampliado por significativas contribuições à teoria econômica: desenvolveu uma teoria unificada do intervencionismo (*Uma Crítica ao Intervencionismo*, de 1929), revelou a íntima relação entre paz, liberdades civis e livre mercado (*Liberalismo*, de 1927), refinou sua teoria dos ciclos (*Estabilização Monetária e Política de Ciclos*, de 1928) e elaborou uma nova epistemologia das ciências sociais (*Problemas Epistemológicos da Economia*, de 1929).



HAYEK

Mises conheceu Friedrich August von Hayek em dezembro de 1921. Hayek havia acabado de receber seu título de doutor em direito, e procurava emprego no Departamento de Reinvindicação de Dívidas de Guerra, que era codirigido por Mises. Vinha com uma carta de recomendação de Wieser, que o elogiava como um jovem aluno promissor. Mises sorriu ao dizer que nunca havia visto Hayek nas suas aulas, mas ainda assim, por respeito a Wieser, contratou-o imediatamente. Nomeou Hayek pesquisador em moeda e sistema bancário.

Friedrich August von Hayek

Em 1924, após obter o doutorado em economia, Hayek viajou aos Estados Unidos, onde se empregou na *NBER (National Bureau of Economic Research)*, principal departamento de estudos de ciclos econômicos norte-americano. O chefe da instituição era Wesley Mitchell, notório empirista econômico e grande admirador de Wieser. Nos dois anos em que ficou lá, Mitchell auxiliou Hayek na coleta de dados para sua teoria dos ciclos econômicos. Mitchell não conhecia Mises, e reagiu com surpresa quando Hayek lhe disse que “Mises está na mesma classe que Voltaire, Montesquieu, Tocqueville e John Stuart Mill”²⁶.



Mises, por volta de 1925

A despeito da opinião de Hayek, nessa época a projeção de Mises como estudioso era modesta. Ele era considerado um *expert* em teoria monetária, e conhecido como o autor de *Socialismo*, mas não tinha a fama de outros professores como Hans Kelsen²⁷, Carl Grunberg²⁸, e Othmar Spann²⁹. A falta de reconhecimento se refletia no seu cargo acadêmico de *Privatdozent*, um posto conceituado, mas não remunerado.

Em economia, Mises era o terceiro mais famoso estudioso de nacionalidade austríaca. Wieser foi inquestionavelmente a maior autoridade até sua morte, em 1926³⁰. Schumpeter era o segundo mais influente, devido à fama alcançada com a publicação de *Teoria do Desenvolvimento Econômico*, em 1911³¹.

²⁶ Em 1924, ano em que Hayek voltou a Viena, Mises criou o Instituto dos Ciclos Econômicos, principalmente para acomodar Hayek.

²⁷ Especialista em direito e redator da Constituição da República da Áustria.

²⁸ Ex-professor de Mises, e o principal intelectual socialista.

²⁹ Autor do mais famoso livro-texto de economia e ciências sociais escrito em alemão – *True State* –, que vendeu 100.000 cópias até o início dos anos 1950. Spann obteve a cadeira de Philippovich em 1919.

³⁰ Por conta de sua influência, abriu mão de sua cadeira em favor de um discípulo, Hans Mayer, em 1922.

³¹ Nessa época, Schumpeter lecionava na Alemanha, na Universidade de Bonn.

E mesmo na maior especialidade de Mises, teoria da moeda, Wieser era considerado superior. Os jovens estudantes procuravam ler e frequentar os seminários de Wieser, e não os de Mises. Por conta disso, a influência de Wieser perdurou e dominou o cenário econômico, mesmo décadas após sua morte. Ainda que Hayek seja hoje conhecido como o aluno mais famoso de Mises, suas ideias sofreram influência preponderante de Wieser³².



Hayek recebe do rei da Suécia o Prêmio Nobel de economia

Hayek teve um percurso intelectual brilhante e, em 1974, um ano após a morte de Mises, foi agraciado com o Prêmio Nobel de economia.

³² A tese de doutorado de Hayek (de 1923) era incompatível com a tese de cálculo econômico socialista de Mises. Hayek também defendia uma abordagem de “equilíbrio geral” walrasiana, assim como Wieser. Hayek sempre se considerou como parte do ramo wieseriano da Escola Austríaca, ao passo em que Mises era do ramo de Böhm-Bawerk.

MARGIT VON MISES

Mises conheceu Margit Serény em 1925, em um jantar na casa de um dos frequentadores de seu seminário. Era atriz, viúva, e tinha filhos³³. Era uma mulher atraente, de cabelos castanhos e olhos azul-acinzentados. Mises conversou sobre economia com Margit durante todo o jantar. Não obstante, como ela revelaria mais tarde, ficou mais impressionada com os olhos azuis, com o contato visual concentrado, que não divagava em momento algum, e com a elegância e os cabelos bem-partidos daquele professor.



Margit Serény em 1919

Mises encetou o romance com cautela, uma vez que atrizes, naquela época, eram vistas como prostitutas de luxo. Anos depois, Mises confessaria a Margit haver checado seu histórico nos jornais de Viena, além de consultar um primo, que era médico de Margit. Apesar dos receios de sua mãe, Adele, Mises lentamente aceitou consolidar o namoro.

³³ Margit era viúva de um aristocrata húngaro, que perdera a fortuna durante a inflação da Primeira Guerra, e não deixou bens substanciais para Margit. Desse casamento nasceram Guido e Gitta.

NATIONALÖKONOMIE E A VIDA EM GENEBRA

Em 1934, Mises recebeu oferta para ocupar uma cadeira na Graduate Institute of International Studies em Genebra, Suíça. Aos 53 anos de idade, tinha notoriedade e havia acumulado uma razoável poupança pelo trabalho na *Kammer*, e tinha direito a aposentadoria prematura. Todo o seu empenho se concentrava, então, nas atividades acadêmicas.

A oferta de Genebra era atraente. O salário seria equivalente ao de Viena – em valores de hoje, cerca de 40 mil reais por mês³⁴. A vida em Viena estava tornando-se desagradável, devido à crescente influência do partido nazista, que fechava o cerco à comunidade judaica e desejava que a Áustria fosse anexada à Alemanha³⁵. Mises aceitou a oferta e ficaria em Genebra por seis anos.

Genebra era cosmopolita e sede de importantes organizações internacionais, como a Cruz Vermelha, a Organização Internacional do Trabalho e a Liga das Nações, precursora da ONU. Ocupou a cadeira de Relações Econômicas Internacionais. Lecionava apenas três horas por semana³⁶ e podia se concentrar em pesquisas. Embora fosse fluente em francês, optou por proferir as aulas em inglês, apesar de sua pouca capacidade de se expressar nessa língua, pois antevia que os talentos migrariam para os Estados Unidos e a Inglaterra, como decorrência do crescimento das hostilidades na Europa continental³⁷.

³⁴ Convertido em ouro à época, recebia o equivalente a 234 onças-troy de ouro por ano, hoje cerca de 260 mil dólares.

³⁵ O governo autoritário da Áustria à época queria manter a independência, e os social-democratas aliaram-se aos nazistas pela anexação.

³⁶ De tempos em tempos, coordenava cursos básicos de economia para novos alunos. O Graduate Institute of International Studies era bilíngue (francês e inglês) – alunos e professores podiam utilizar quaisquer das línguas a qualquer tempo.

³⁷ Seu inglês era sofrível mesmo depois de dezoito anos nos Estados Unidos. É possível conferir na página da web <http://mises.org/media/958>, em que há a gravação de uma fala de Mises, feita em 1958 na Sociedade Mont Pelerin.

Enquanto ele estava em Genebra, não havia ainda uma escola misesiana de pensamento econômico. Seus livros somente foram traduzidos para o inglês em 1934 (*Teoria da Moeda e do Crédito*) e 1936 (*Socialismo*). Mises era ainda um professor pouco conhecido, principalmente no cenário internacional.

Em 1936 foi publicado o livro que ainda hoje é considerado a bíblia da economia: a *Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda*, do economista inglês John Maynard Keynes.

Mises não reagiu ao livro de imediato, mas somente quando o movimento keynesiano ganhou força e Keynes se tornou *guru* da economia. Mises considerava o livro insignificante para a história do pensamento econômico. Para ele, Keynes não apresentava uma doutrina original. As relações entre moeda, emprego e produto apresentadas por Keynes haviam sido antecipadas pelo pensamento mercantilista muitas décadas antes. Mises, portanto, via em Keynes um reacionário defensor do antiquado sistema mercantilista.

Segundo Mises, as políticas propostas por Adam Smith eram de fato revolucionárias, pois se distinguiam das praticadas à sua época, e somente após várias décadas as prescrições de Smith foram amplamente aplicadas. Por outro lado, ainda sob a ótica de Mises, as políticas advogadas por Keynes eram precisamente aquelas que os governos do mundo inteiro, em particular o da Grã-Bretanha, vinham praticando havia vários anos. Keynes, portanto, justificava para os governantes suas políticas de bem-estar social, a despeito de serem elas consideradas desastrosas pelos economistas.

No fim de 1937, Mises pensava em voltar para Viena devido a dificuldades financeiras do Graduate Institute. Havia recebido uma generosa oferta da *Kammer* para ser diretor de prestígio, agora de uma *Kammer* nacional. Mas, com o apoio de Mussolini à Alemanha de Hitler, a invasão da Áustria passou a ser iminente, e Mises desistiu da ideia.

Logo após a morte de sua mãe, no fim de 1937, Mises propôs casamento a Margit (o que provavelmente não foi mera coincidência). No Natal de 1937, escreveu a ela em seu estilo germânico e direto: “*Não posso continuar assim, não posso viver sem você, querida. Vamos nos casar*”.

Em março de 1938, foi para Viena a fim de preparar as bodas³⁸. Entretanto, informado de que estava na lista negra dos nazistas, viajou às pressas na manhã de 11 de março³⁹. Naquele mesmo dia, o comandante da SS⁴⁰, Heinrich Himmler, chegou à cidade para capturar adversários e confiscar suas propriedades. No dia 13 teve o apartamento arrombado, e foram levados seus objetos pessoais, sua biblioteca, sua correspondência, roupas, objetos de arte, enfim, tudo. Mises jamais voltaria a ver seus pertences. Os aliados os encontraram após a guerra em um trem na Boêmia⁴¹, e os enviaram a um arquivo secreto em Moscou. Só em 1991, dezoito anos após a morte de Mises, é que foi revelada a existência do arquivo.

Margit e os filhos conseguiram permissão para deixar a Áustria no dia 6 de julho de 1938. Em Genebra, Mises e Margit casaram-se em uma cerimônia muito simples, com a presença de duas testemunhas.

Quanto à produção intelectual, Mises vinha dedicando-se, desde 1934, a um tratado sistemático sobre a ciência econômica. Até então já havia apresentado, em livros e monografias, alguns elementos de sua teoria geral dos sistemas sociais, mas não tinha ainda claro como tais elementos se relacionavam, e tampouco qual estrutura analítica os embasaria. Finalmente, em maio de 1940, publicou sua monumental teoria geral sob o título *Nationalökonomie – Theorie des Handelns und Wirtschaftens* (*Economia – Teoria da Ação e das Trocas*). Essa obra, de grande densidade teórica, tinha 751 páginas e foi a predecessora de *Ação Humana*⁴². *Nationalökonomie*, diferentemente dos livros típicos de economia de hoje e de então, apresenta as leis sociais de forma integrada e coerente, e descreve passo a passo a realidade social, partindo dos fenômenos mais gerais para chegar aos mais específicos. O livro contém contribuições importantes e inteiramente originais, e suas conclusões levam à defesa irrestrita do mercado livre e desimpedido.

De setembro de 1939 a maio de 1940, poucas novidades ocorreram na frente ocidental, pois os alemães estavam bastante ocupados guerreando contra os poloneses. Porém, em maio de 1940, vários países capitularam aos alemães e a sua *blitzkrieg*. Os alemães penetraram na junção da linha Maginot (extensa faixa for-

³⁸ O casamento entre Mises e Margit acabaria acontecendo oito meses após a morte de sua mãe Adele.

³⁹ Margit e seus filhos ficaram ainda alguns meses.

⁴⁰ Abreviatura de Schutzstaffel (escudo de proteção), nome da poderosa organização paramilitar ligada a Hitler.

⁴¹ Boêmia fica hoje na República Checa.

⁴² *Nationalökonomie* e *Ação Humana* têm estruturas quase idênticas e, embora haja diferenças, as semelhanças são muito mais presentes.

tificada construída pelos franceses para conter uma eventual invasão) com a linha de fortificações belga, utilizando-se do fator surpresa e da velocidade proporcionada por aviões e tanques. Invadiram quase toda a Europa Central e Ocidental em poucas semanas.

Isolado na Suíça, já totalmente cercada por países conquistados pelos alemães, Mises decidiu emigrar. Os nazistas estavam continuamente pressionando o governo suíço a entregar sua cabeça, e já haviam quase conseguido capturá-lo em uma tentativa de sequestro. O governo suíço recusou-se a entregá-lo, mas fez questão de deixar claro que o fazia por compaixão apenas, e o avisou de que seu visto de permanência estava sujeito a renovações anuais – ou seja, a Suíça deixara de ser lugar seguro. Os filhos de Margit, por essa época, estudavam em colégios internos. Gitta estava na França, e Guido, na Inglaterra. Mises recebeu autorização para entrar nos Estados Unidos duas semanas após a capitulação de Paris.

A obtenção do visto e da passagem de transatlântico entre Lisboa e Nova York levou tempo demais. Quando se concretizaram, já não era possível voar sobre a França, ocupada pelos nazistas⁴³. Só restava a tentativa de fuga por ônibus. A viagem, que começou em 3 de julho de 1940, foi extremamente tensa. O motorista eficiente conseguia evitar as tropas nazistas, porque conhecia estradas alternativas. Também foram valiosas as informações fornecidas pelos habitantes franceses sobre a presença ou não de soldados alemães. Os viajantes conseguiram chegar à divisa com a Espanha em Cerbères, porém aquele posto fronteiriço estava fechado havia uma semana. Por conta de um acordo diplomático entre os governos dos Estados Unidos, Inglaterra e Espanha, americanos e ingleses puderam passar. No dia seguinte, os suíços também foram liberados por razões similares, sobrando apenas portugueses e judeus. Mises e Margit hospedaram-se num hotel barato no lado francês e pediram ajuda ao cônsul na cidade de Perpignan, que deu uma carta de recomendação ao grupo remanescente. Porém, os oficiais de fronteira alegaram novas ordens especiais vindas de Madri. Mises, então, contactou outras pessoas. Finalmente, Louis Rougier, membro do governo francês, interveio e obteve a liberação. Depois de seis dias angustiosos, puderam entrar na Espanha. Mas o navio de Mises e Margit já havia partido. Conseguiram lugares na lista de espera do navio seguinte, que só sairia dali a três semanas. Finalmente, em 25 de julho, Mises e Margit zarparam no *Europa*.

⁴³ A Espanha não havia sido invadida.

Levaria sete anos para Mises cruzar novamente o Atlântico⁴⁴, já como cidadão americano e tendo estabelecido os alicerces da nascente Escola Austríaca nos Estados Unidos.

A publicação de *Nationalökonomie*, no fatídico mês de maio⁴⁵, foi ofuscada pela guerra, e a obra ficou esquecida. Ressurgiria nove anos depois, em versão reformulada e em inglês, sob o título *Ação Humana*.

⁴⁴ Para uma reunião da Mont Pelerin Society, na Suíça, em 1947.

⁴⁵ Várias cópias que Mises enviou a amigos e colegas nunca chegaram a seus destinatários por conta da guerra. Mises afirmou: "Suponho que os nazistas o usaram como combustível".

VIDA NOVA NA AMÉRICA

Aos 58 anos de idade, Mises chegou aos Estados Unidos com pouquíssima bagagem, uma pequena poupança e nenhum contrato de trabalho. Foi difícil retomar a vida na nova pátria. Sua idade, além da rejeição generalizada às suas ideias, não contribuía para uma boa colocação profissional. O ambiente ideológico era muito diferente do que Mises professava. Ali dominavam o intervencionismo e o keynesianismo do New Deal ⁴⁶.

Devido à guerra, o governo norte-americano tornou-se um grande empregador de economistas, entre eles Machlup, Morgenstern e Milton Friedman, velhos conhecidos de Mises. As circunstâncias tornavam inaceitável, para ele, trabalhar para o governo norte-americano. A Universidade de Berkeley não quis contratá-lo, e, mesmo com suas boas conexões junto à Rockefeller Foundation, a posição que esperava obter na Universidade da Califórnia também foi negada. Para ter alguma renda, Mises começou a proferir palestras em universidades e outras instituições.

Henry Hazlitt, então editor do jornal *The New York Times*, que já conhecia a obra *Socialismo*, convidou-o a escrever editoriais – seriam oito no total, com pagamento de cerca de 600 reais cada um, a valores de hoje. Nascia daí uma forte amizade.

Após um ano em Nova York, Mises recebeu da Rockefeller Foundation um cargo patrocinado no National Bureau of Economic Research, com pagamento de cerca de 10.000 reais por mês em valores atualizados⁴⁷. Era constrangedor para ele que, após a rica contribuição à ciência econômica, estivesse recebendo uma ajuda de custo com dolorosa conotação de caridade. Para terem um pouco mais de conforto, Margit iniciou um treinamento para trabalhar como secretária. Tanto a situação financeira quanto as perspectivas de futuro eram sombrias.

⁴⁶ Conjunto de programas implementados, na década de 1930, pelo governo dos Estados Unidos, para recuperar a economia do país e dar apoio aos que empobreceram na Grande Depressão de 1929.

⁴⁷ O salário de Machlup na Universidade de Buffalo era cerca de quatro vezes maior.



Henry Hazlitt

No verão de 1941, o casal passou alguns dias de férias em White Mountains, no estado de New Hampshire. O local trazia reminiscências dos Alpes Suíços, e Mises, um marchador obstinado, saía diariamente para caminhar e fazer escaladas. Voltou revitalizado para Nova York. Recuperou a energia mental e a determinação anteriores. Ele e Margit alugaram um apartamento no número 777 da West End Avenue, onde morariam até o fim de suas vidas. A partir dessas mudanças, Mises passou a escrever em inglês, o que denota sua decisão de permanecer nos Estados Unidos.



Mises no chalé em New Hampshire, White Mountains

Seu contrato com a Rockefeller Foundation expirou em 1944, e foi renovado por mais dois anos em regime de exceção. Adicionalmente, conseguiu um contrato de consultoria⁴⁸ com a *NAM – National Association of Manufacturers* (Associação Nacional dos Fabricantes) –, que se opunha ao *New Deal*. A entidade pretendia realizar campanha de largo alcance para educar os norte-americanos sobre as vantagens do sistema de livre mercado. Um dos trabalhos de Mises foi uma dissertação criticando o plano Bretton Woods, arquitetado por John Maynard Keynes e Harry Dexter White.

⁴⁸ O salário representava cerca de 15.000 reais por mês, em valores atualizados.



Mises em 1944

Em 1944, Mises já contava com sólida reputação na América, especialmente após a publicação de dois novos livros – *Governo Onipotente* e *Burocracia*⁴⁹.

Nessa época, conheceu Leonard Read, que viria a criar a *Foundation for Economic Education* (FEE). Read impressionou-se com a pureza da noção de governo mínimo de Mises. Em uma festa na casa de Read, um dos convidados perguntou: “Dr. Mises, assumindo que se o senhor fosse o ditador dos Estados Unidos, e que pudesse implementar qualquer medida, o que faria na situação atual?”. Mises respondeu prontamente: “Eu renunciaria!”.

Logo após o fim da guerra, as forças da resistência liberal começaram a se reorganizar. Muitos foram os responsáveis por mudar a agenda estatista. Destacaram-se, entre eles, jornalistas como Henry Hazlitt, Lawrence Fertig, Frank Chodorov e Suzanne LaFollette; escritores como Albert J. Nock, Isabel Paterson, Rose Wilder Lane e Ayn Rand; empreendedores intelectuais como Leonard Read, Frederick Nymeyer and Loren Miller; homens de negócio com empreendimentos em educação, como Jasper Crane, Harry Earheart, Alfred Kohlberg, Howard Pew, Claude Robinson, Pierre Goodrich e William Volker; e intelectuais como Benjamin Anderson, H.J. Davenport, Fred Fairchild, Leo Wolman, Frank Knight, Henry Simons, e Mises. Já no início dos anos 1960, o liberalismo clássico havia renascido, em grande parte devido à liderança intelectual de Mises.

Ainda em 1944, Hayek publicou *Caminho da Servidão*, o livro que o tornou famoso. Hayek tornou-se uma celebridade internacional instantaneamente. Nos Estados Unidos, um milhão de cópias do livro foram distribuídas pelo *Book-of-the-month-club* (Clube do Livro) da Reader's Digest. Embora não concordasse integralmente com as teses de Hayek, Mises ficou entusiasmado com o êxito das ideias liberais⁵⁰.

⁴⁹ Os títulos em inglês são: *Omnipotent Government* e *Bureaucracy*.

⁵⁰ Hayek, à época, não seguia a linha do liberalismo clássico, ou *laissez-faire*, de Menger, Böhm-Bawerk e Mises. Na verdade, foi um dos fundadores de uma dissidência, chamada neoliberalismo. A corrente neoliberal separava as liberdades individuais das liberdades econômicas, e defendia certo grau de intervenção, como regulamentação estatal da moeda e do sistema bancário e financeiro; regulamentação para coibir monopólios; políticas de renda mínima. Também foram fundadores e seguidores dessa corrente Henry Calvert Simons, Fritz Machlup, Wilhelm Röpke, Milton Friedman e outros. A corrente passou a dominar o pensamento liberal desde o pós-guerra e se reflete hoje em organizações como a Mont Pelerin Society, o Institute of Economic Affairs, o Institute for Humane Studies, o Cato Institute e a Atlas Economic Research Foundation. A corrente *laissez-faire* está refletida atualmente em organizações como o Mises Institute, a Foundation for Economic Education (FEE) e os vários institutos Mises e Rothbard pelo mundo, incluindo o Instituto Mises Brasil (www.mises.org.br). O confronto mais famoso entre as correntes *laissez-faire* e neoliberal deu-se nas primeiras reuniões da Mont Pelerin Society, no final da década de 1940. Em uma das discussões, na qual se defendia a intervenção governamental para contenção de monopólios, Mises anunciou: “Vocês são todos um bando de socialistas!”. Levantou-se e saiu da sala.

Em 1945, financiado por alguns amigos liderados por Lawrence Fertig e Henry Hazlitt, Mises passou a trabalhar como professor visitante da New York University, cargo que ocuparia por mais de duas décadas. Durante os anos seguintes, Mises passou a ser reconhecido como um economista e cientista social de gabarito, e se integrou ao movimento libertário norte-americano do pós-guerra. Na segunda metade dos anos 1940, trabalhava na conclusão de seu maior projeto – *Ação Humana*.



REVOLUÇÃO DE AÇÃO HUMANA E A TRAJETÓRIA DA ESCOLA AUSTRIACA

A publicação de *Ação Humana*, em setembro de 1949, causou impacto imediato. Mises tornou-se prontamente uma figura central da direita norte-americana e passou a ser reconhecido como um gênio das ciências sociais, oferecendo explicações inéditas e engenhosas. Embora tendo 900 páginas, escritas em linguagem científica, *Ação Humana* vendeu mais de 4.000 cópias, em três edições, nos primeiros três meses. O êxito de *Ação Humana* catapultou o interesse do público pela literatura liberal. Proliferaram, a partir de então, grupos de empreendedores intelectuais dispostos a financiar a disseminação das ideias liberais, por meio de bolsas de estudo, publicações e outras iniciativas – boa parte das quais passavam pelas recomendações e contribuições do próprio Mises.

Seu seminário na Universidade de Nova York, um sucesso, formou estudantes que passaram a formar um núcleo ainda mais purista da Escola Misesiana. Entre eles estavam George Reisman, Israel Kirzner, Ralph Raico, Murray Rothbard, Hans Sennholz, e William Paterson. Segundo o professor Guido Hulsmann, a Escola Misesiana só prosperou por conta da existência de *Ação Humana* – um tratado sistemático que os seguidores usavam como ponto de partida para desenvolver novas teses.



Mises

O jovem Murray Rothbard, que viria a se tornar o mais famoso seguidor de Mises, foi escolhido por patrocinadores para escrever uma versão simplificada de *Ação Humana* para leigos. Concluiu o projeto em 1962, e o resultado saiu mais elaborado e ambicioso do que intencionavam os patrocinadores. *Man, Economy and State* apresenta novas teses, critica Mises em alguns pontos e utiliza-se de linguagem mais acessível.



Israel Kirzner

Nos fins dos anos 1950, surgiram divergências entre os poucos seguidores acadêmicos de Mises, o que contribuiu para a fragmentação e o conseqüente declínio da corrente misesiana. Os jovens Rothbard, Kirzner e Sennholz, ainda que bem formados, não tinham idade e experiência suficientes para liderar uma corrente de pensamento. A demanda pela postura liberal foi, portanto, ocupada pelos membros da geração anterior: Hayek (neoliberalismo e corrente wieseriana da



Murray Rothbard

Escola Austríaca), Milton Friedman (Escola Econômica de Chicago) e outros, como a escritora e filósofa Ayn Rand (objetivismo). A corrente misesiana entrou em declínio.

Mises continuou ativo e proferindo palestras até os princípios da década de 1960, quando escreveu quatro importantes trabalhos. Em 1959, suas seis palestras em Buenos Aires, que deram origem ao livro *As Seis Lições*, foram uma das últimas brilhantes exposições de Mises para o grande público. A partir de então, parcialmente surdo e com voz frágil, concentrou-se nas atividades da Universidade de Nova York, trabalhando até 1969. Até os 90 anos manteve boa saúde. Sua condição física se deteriorou daí em diante, e Mises faleceu aos 92, em outubro de 1973.

Em 1982, o Mises Institute foi fundado com o suporte de Murray Rothbard (do núcleo na Universidade de Nova York), seu primeiro diretor acadêmico. O Mises Institute foi a primeira organização dedicada integralmente à disseminação dos pensamentos da Escola Austríaca. Nos anos 1990, uma nova geração de mentes brilhantes foi atraída pela liderança e as consistentes ideias de Rothbard, e formam hoje a corrente da Escola Austríaca comumente denominada de *austro-libertarianismo*.

Nos últimos anos, com a proliferação do uso da internet e, especialmente, após a crise mundial de crédito de 2007, a Escola Austríaca tem tido crescimento exponencial. Foram necessárias décadas desde a morte de Mises até que suas ideias tivessem o merecido reconhecimento. Sua obra vem sendo continuamente reeditada e disseminada, e é hoje mais admirada do que foi em qualquer momento da vida do mestre.



A OBRA

Tentar resumir em poucas palavras a contribuição intelectual da vasta obra de Ludwig von Mises representa uma tarefa hercúlea, fadada ao insucesso. Mises foi um pensador brilhante e escritor altamente produtivo, tendo deixado um legado importante em diversas áreas do conhecimento humano. Tudo que posso fazer diante de tamanho desafio é arranhar a superfície de suas principais teorias e ideias, na expectativa de que o leitor terá sua curiosidade aguçada para buscar, nas fontes originais, a profunda sabedoria desse privilegiado intelecto.

PRAXEOLOGIA

Entre as mais relevantes contribuições originais de Mises encontra-se sua teoria sobre a praxeologia, explicada em maiores detalhes na sua *magnum opus*, o livro *Ação Humana*. O homem é um ser de ação, que escolhe, determina e tenta alcançar uma finalidade. A ação humana significa o emprego de meios para a obtenção de certos fins. Sempre que as condições para a interferência humana estiverem presentes, o homem estará agindo, pois a inação, nesse caso, também é uma escolha. Agir não é somente fazer algo, mas também se omitir quando algo era possível de ser feito. A ação pressupõe desconforto, a tentativa de migrar de uma situação menos satisfatória para outra mais satisfatória, segundo uma avaliação subjetiva do agente.

Com isso em mente, podemos passar à importante distinção que Mises faz entre os dois grandes campos das ciências da ação humana: a praxeologia e a história. A história, segundo Mises, é uma coleção e arranjo sistemático de todos os dados de experiências que dizem respeito à ação humana. O foco é o passado, e ela não pode nos ensinar aquilo que seria válido para todas as ações humanas, ou seja, para o futuro também. Não há um laboratório para experimentos da ação

humana. A experiência histórica é uma coletânea de fenômenos complexos, e não nos fornece fatos no mesmo sentido em que a ciência natural faz. A informação contida na experiência histórica não pode, conforme diz Mises, ser usada para a construção de teorias e previsões do futuro. Todos os atos históricos estão sujeitos a várias interpretações diferentes. Portanto, Mises afirma que não há meios de se estabelecer uma teoria *a posteriori* da conduta humana e dos eventos sociais.

Faz-se necessário o uso de uma teoria previamente desenvolvida que explique e interprete os fenômenos históricos. As interpretações das experiências não devem ficar sujeitas às explicações arbitrárias. Eis a relevância da praxeologia, uma ciência teórica, e não histórica. Suas proposições não são derivadas da experiência, mas, como ocorre na matemática, são obtidas *a priori*, com base em axiomas. Axiomas são autoevidências perceptuais. Segundo Ayn Rand, “um axioma é uma proposição que derrota seus oponentes pelo fato de que eles têm de aceitá-la no processo de tentar negá-la”. Um exemplo clássico seria tentar negar a existência da consciência, sendo que é preciso aceitá-la para tanto. As proposições obtidas *a priori* não são afirmações sujeitas à verificação ou falsificação no campo da experiência, mas sim logicamente necessárias para a compreensão dos fatos históricos. Sem essa lógica teórica, o curso dos eventos não passaria de algo caótico, sem sentido.

Para Mises, não há como compreender a realidade da ação humana sem uma teoria, uma ciência apriorística da ação humana. O ponto de partida da praxeologia não é a escolha de axiomas e uma decisão sobre os métodos de procedimento, mas uma reflexão sobre a essência da ação. Os métodos das ciências naturais, portanto, não são apropriados para o estudo da praxeologia, economia e história. A verdade é que a experiência de um fenômeno complexo como a ação humana pode sempre ser interpretada por várias teorias distintas. Se essa interpretação pode ser considerada satisfatória ou não, depende da apreciação da teoria em questão, estabelecida anteriormente por meio do processo racional. A história em si não pode nos ensinar uma regra geral, um princípio geral. Não há como extrair da história uma teoria posterior ou um teorema sobre a conduta humana. Mises acredita que os dados históricos seriam apenas o acúmulo de ocorrências desconexas e confusas se não pudessem ser arranjados e interpretados pelo conhecimento praxeológico.

Num mundo em que a ciência econômica está cada vez mais sob a influência das ciências naturais, com modelos econométricos complexos, partindo-se da pre-

missa de que a história passada pode explicar o comportamento futuro dos seres humanos, a contribuição de Mises se faz ainda mais importante. A arrogância de economistas mergulhados nos estudos empíricos complexos, mas deixando de lado conceitos básicos sobre a ação humana, ilustra o risco de se ignorar Mises. As crises recentes, em parte causadas pela fé ingênua de que os banqueiros centrais poderiam, por meio desses modelos matemáticos, controlar e antecipar os eventos econômicos, mostram como a praxeologia faz falta aos economistas modernos.

SOCIALISMO

Em 1922, Mises escreveu seu clássico *Socialism*, no qual apresenta os principais argumentos contra esse sistema. O propósito do socialismo é abolir a propriedade privada dos meios de produção, tornando-a propriedade coletiva da comunidade por intermédio do Estado. Na prática, isso significa abolir a divisão de trabalho, pilar fundamental do avanço da civilização. O retorno a uma autarquia, uma economia “familiar” autossustentável, em que indivíduos não praticassem trocas voluntárias num livre mercado, eis a meta do socialismo. O poder de decisão sobre a alocação dos recursos escassos estaria nas mãos do Estado, ou melhor, de seus governantes. Entretanto, tal forma de organização econômica sacrificaria a principal vantagem do modelo capitalista, leia-se, a “democracia dos consumidores”, na qual são esses que determinam o que deve ser produzido. No livre mercado, os proprietários dos meios de produção precisam respeitar a demanda dos consumidores, caso contrário, não serão capazes de remunerar seu capital de forma adequada. Para que essa demanda, pulverizada entre milhões de agentes consumidores, possa ser atendida da forma mais eficiente possível, faz-se necessária a existência da propriedade privada.

Isso se deve ao fato de que toda produção demanda a cooperação entre diferentes fatores de produção, tanto materiais como humanos. Quanto cada item de terra, capital e trabalho será preciso para a produção dos bens demandados é algo desconhecido a priori. Ninguém possui essa informação, pois ela está dispersa entre todos os agentes que interagem no mercado – além de haver o fato de que o tempo altera as condições iniciais. Em outras palavras, trata-se de um processo dinâmico de descoberta contínua, de qual a melhor forma de alocar os recursos escassos

para atender a demanda dos consumidores. É um processo de tentativa e erro, com ajustes constantes por parte dos proprietários dos recursos. Para que eles possam exercer essa importante função, algum mecanismo que transmita as informações pulverizadas em todo o mercado precisa existir. Esse mecanismo é o preço.

A formação do preço de mercado para todos os fatores de produção atribui, a cada um, peso correspondente a sua parte na produção. A colaboração desses fatores será determinante no seu preço de mercado. Um produtor de aço, por exemplo, não precisa e nem tem como saber sobre todas as informações relevantes para a oferta de aço na economia. Ele não sabe que alguns consumidores aumentaram sua preferência por automóveis que necessitam de mais aço; ele também não precisa saber em detalhes que o mercado de construção civil na China está mais aquecido. Tudo que é relevante para ele no momento é que o preço do aço no livre mercado está subindo. Nesse evento está contida mais informação do que ele seria capaz de explicar. E o importante é a mensagem de que o aço, um recurso escasso, está sendo mais demandado. O produtor pode então reagir, alocando mais recursos para sua produção, e retirando de onde há menos demanda. Sua busca por maior lucro será a garantia de que os recursos escassos serão utilizados da forma mais eficiente possível para atender as necessidades dos consumidores.

A ação é sempre individual. Coletivos são abstrações, conceitos criados pelos homens para tentar compreender melhor o mundo. Não existe algo como pensamento da sociedade ou da classe. Apenas indivíduos pensam e agem. As preferências são subjetivas, e o valor atribuído aos diferentes bens será relativo e individual. Por meio das trocas voluntárias, cada um exerce influência no preço final dos produtos. Se, sob os preços de mercado, os produtores não forem capazes de vender com lucro, essa é uma evidência de que outros podem alocar os recursos escassos de forma mais eficiente. Sem esse mecanismo de preço, cada etapa do processo produtivo seria um pulo no escuro. Os produtores não teriam como dizer se aquela alocação faz sentido econômico ou não. Nenhum indivíduo ou grupo de indivíduos, por mais geniais que fossem, poderia decidir sobre a importância relativa de cada um dos infinitos fatores de produção. Assim que a livre formação de preços é abandonada, a produção racional se torna inviável. No socialismo, é impossível afirmar se determinado trabalho representa ou não um desperdício dos recursos escassos; não se pode saber se outro processo seria ou não mais satisfatório. O socialismo é a renúncia a uma economia racional.

INFLAÇÃO E CRÉDITO

Em *The Theory of Money and Credit*, Ludwig von Mises deixa claro que a inflação não é um ato divino, mas sim um resultado de políticas de governo. Ela é um subproduto das doutrinas que delegam ao governo o poder mágico de criar riqueza do nada e fazer o povo feliz por meio do aumento da “renda nacional”. O dinheiro é apenas um meio de troca para facilitar o escambo de produtos, por meio do uso de um denominador comum. Mas o que de fato se troca são bens e serviços, e a riqueza deve, portanto, ser criada pelos indivíduos. O produtor troca seus produtos no mercado para satisfazer suas demandas, recebendo em troca aquilo produzido por outros. Essa divisão de trabalho permite um ganho enorme de produtividade. Mas para consumir é preciso sempre produzir.

Isso parece bastante óbvio, mas infelizmente muitos economistas ignoram esse fato da realidade. Estes acabam defendendo a ilusão de que o governo pode aumentar a riqueza real por meio de um estímulo artificial na atividade econômica, expandindo a circulação de dinheiro. O crédito fácil é visto como um substituto para o capital, e esse caminho leva inexoravelmente a graves crises. O que esses economistas não costumam levar em conta é que a transação de crédito é apenas uma troca de bens presentes por bens futuros. Aqueles que pouparam seu capital emprestam para aqueles que valorizam mais seu uso imediato, e a taxa natural de juros depende das diferentes preferências intertemporais dos agentes. A grande confusão de muitos – economistas e leigos – está na mistura dos conceitos de riqueza e dinheiro. Ambos não são sinônimos.

Mises expõe de forma brilhante os fundamentos monetários que garantem a liberdade de mercado. A doutrina liberal enxerga a economia de mercado como a melhor, se não a única possível, forma de organização da sociedade. A propriedade privada dos meios de produção costuma alocar capital para os mais hábeis em atender a demanda dos consumidores. Sendo um sistema de cooperação pacífica sob a divisão de trabalho, a economia de mercado necessita de instituições que protejam seus membros da agressão violenta de inimigos. A sociedade precisa de um aparato de defesa. Mas automaticamente surge o perigo de abuso desse poder. A força policial do Estado pode se voltar contra o próprio povo; como evitar isso tem sido o grande problema político da humanidade. No entanto, o abuso de poder não é apenas físico. Ele pode ocorrer no âmbito monetário também. Por isso, Mises achava impossível compreender o conceito de “dinheiro sólido” sem le-

var em conta que ele é um instrumento para a proteção das liberdades civis contra os caminhos despóticos dos governos. Ideologicamente esse conceito pertence ao mesmo grupo das constituições e “*bills of rights*”.

Nesse contexto, Mises entende que a grande vantagem do padrão-ouro é justamente blindar o poder de compra da moeda contra as políticas governamentais. O controle parlamentar das finanças públicas funciona somente se o governo não puder apelar para gastos não autorizados por meio do aumento da circulação de papel-moeda. A política inflacionária costuma ser bastante popular, em grande parte pela compreensão inadequada de seus efeitos. Aqueles que demandam tal política estão sempre focando apenas em um lado da equação – o seu próprio. O que eles desejam é um aumento nos preços daquelas *commodities* e serviços que eles vendem, enquanto gostariam de ver os demais preços inalterados. Os ingênuos encaram a emissão de moeda pelo governo como uma espécie de milagre econômico. O *fiat money* é como se fosse um *fiat lux!* O governo cria algo *ex nihilo*, num estalo de dedos. O lastro para esse dinheiro não precisa ser mais do que o *toner* das impressoras do Tesouro. Um papel emitido pelo governo assume automaticamente o poder de ser trocado por qualquer mercadoria desejada. É a alquimia finalmente alcançada. Mises ironiza: como parece tímida a arte das bruxas se comparada com aquela do Departamento do Tesouro!

A ignorância do público é indispensável para essa política inflacionária. Mas não é possível enganar todas as pessoas o tempo todo. Quando as massas entendem os esquemas dos governantes, e notam que o aumento dos preços é generalizado e artificial, então os planos inflacionários entram em colapso. O dinheiro só é aceito como tal se o comércio assim desejar. Quando o dinheiro compulsório do governo perde sua credibilidade, o próprio mercado adota algum mecanismo substituto. O papel-moeda passa a não valer mais nada, como aconteceu na Alemanha e no Brasil, e ocorre atualmente no Zimbábue.

O padrão-ouro é um concorrente de peso para os governos, justamente porque o ouro quase sempre foi escolhido naturalmente como moeda. Mas os governos não gostam dessa concorrência, pois o padrão-ouro anula sua capacidade de usar o imposto inflacionário como disfarce para mais gastos. Quando muitos críticos do padrão-ouro alegam que ele fracassou, faz-se necessário lembrar que isso não ocorreu espontaneamente, mas sim como resultado de ações deliberadas dos governos. Todos os aparatos coercitivos do governo tiveram de ser usados para

abolir o padrão-ouro, incluindo a proibição de compra e venda do ouro ou seu uso como moeda oficial em contratos comerciais. Até mesmo nos Estados Unidos a compra de ouro chegou a ser proibida em 1933. O padrão-ouro não faleceu naturalmente, mas foi assassinado pelo governo.

O padrão-ouro impede a falaciosa política de “pleno-emprego”. Como os salários acabam sendo mais rígidos, por conta da pressão de sindicatos e decretos do governo – como o salário mínimo –, cria-se artificialmente uma classe de desempregados, que estaria trabalhando se fosse possível cobrar menores salários. O governo adota então uma política de “pleno-emprego”, para combater um mal criado por ele próprio. Como já entendia muito bem Keynes em 1936, reduz-se o salário real dos empregados, por meio do aumento de preços, para impedir uma redução em seu nível nominal. Keynes acreditava que esse caminho ofereceria menor resistência, mas talvez ele estivesse subestimando a capacidade dos trabalhadores de compreender a situação. O foco dos sindicatos nos índices de inflação, em vez de olhar apenas o salário nominal, comprova isso.

Aquilo que os inimigos do padrão-ouro costumam enxergar como seu grande vício pode ser justamente sua grande virtude: ele é incompatível com uma política expansionista de crédito. Qualquer um pode entender que uma maçã para consumo hoje vale mais do que uma maçã disponível para consumo em um ano. Mas os expansionistas acreditam que os juros são um entrave à expansão da produção, e que representam uma criação maligna dos interesses egoístas dos emprestadores. No entanto, é impossível substituir bens de capital inexistentes por papel-moeda ou crédito artificial. A expansão monetária pode causar um *boom* momentâneo, mas acaba inevitavelmente em recessão ou mesmo depressão. A festa bancada por crédito fácil acaba sempre em ressaca, e se esta for combatida com mais e mais liquidez artificial, pode acabar em cirrose.

O poder da impressão de dinheiro artificial nas mãos do governo sempre foi um enorme risco para a liberdade e prosperidade dos povos. Esse poder foi utilizado de forma abusiva desde quando o imperador romano Diocleciano resolveu reduzir o teor metálico das moedas, fazendo com que perdessem valor real. Em situações mais emergenciais, essa prerrogativa sempre costuma ser usada pelos governos. Em tempos de uma suposta ameaça de guerra ou crise econômica, os governantes acreditam na necessidade urgente de aumento dos gastos públicos, mas muitas vezes a maioria do povo não concorda. O governo então ignora a

saída democrática de propor uma votação sobre os necessários sacrifícios momentâneos, preferindo o caminho do engano, por meio da política inflacionária. Não há transparência sobre os custos reais das medidas, e o governo aproveita-se da ignorância das massas. O recurso inflacionário garante ao governo os fundos que ele não conseguiria captar por meio dos impostos diretos ou por emissão de dívida. Eis o verdadeiro motivo para uma política inflacionária. Seus defensores são inimigos do “dinheiro sólido” e, concomitantemente, da liberdade individual.

CICLOS ECONÔMICOS

A taxa “natural” de juros é aquela que predominaria num livre mercado de capitais, equilibrando a oferta existente de capital poupado e a demanda por investimentos. Para realizar novos investimentos produtivos, antes é necessário acumular capital, ou seja, fatores de produção. No entanto, a mentalidade vigente parte da premissa de que uma redução na taxa de juros será sempre desejável, ainda que obtida por meios artificiais. Fala-se em “escassez de dinheiro”, confundindo-se dinheiro com capital, como se mais dinheiro vindo do além pudesse gerar mais investimento produtivo de forma sustentável. Isso não passa de uma grande ilusão, como Mises já havia demonstrado em artigos do começo do século XX, organizados no livro *The Causes of the Economic Crisis*.

Existem duas maneiras de se criar dinheiro artificial: impressão de papel moeda pelo governo e emissão de crédito bancário sem lastro. Os bancos podem reduzir artificialmente as taxas de juros por intermédio de meio fiduciário, emitindo notas e cheques além da quantidade de depósitos à vista, possível graças às reservas fracionárias. Mises chamou essa emissão fiduciária sem lastro de “circulation credit”, enquanto o crédito lastreado pela poupança era chamado de “commodity credit”. Somente o primeiro é inflacionário. O “dinheiro fácil” criado por esse mecanismo pressiona as taxas de juros para baixo, criando a falsa sensação de prosperidade. Investimentos que antes não pareceriam rentáveis pela taxa “natural” de juros agora se tornam atraentes. Recursos são desviados para esses investimentos ruins e indesejados, adicionando mais lenha na fogueira, sustentando assim o clima de euforia. Algumas escolas de pensamento chegaram a defender essa política dos bancos como meio para tornar o crédito gratuito e resolver a “questão social”. A arte da alquimia teria sido descoberta. Mas a inflação não é uma política sustentável.

A inflação dura somente enquanto as pessoas acreditarem que ela será temporária. Assim que os agentes se convencerem de que a inflação não irá parar, eles fogem do uso dessa moeda, correndo para “valores reais”, como moedas estrangeiras, metais preciosos ou até escambo. Cedo ou tarde, portanto, a crise deve inevitavelmente estourar, como resultado de uma mudança na postura dos bancos ou dos agentes. Quanto mais tarde for esse ajuste, mais doloroso ele será, pois maiores serão os estragos causados na fase de bonança artificial. Uma fase de recessão substitui o *boom* anterior, e os negócios iludidos durante a era de crédito abundante acabam sendo liquidados. Os bancos tornam-se mais cautelosos, e ficam tímidos na expansão de mais crédito circulante. A taxa de juros sobe novamente para seu patamar “natural”. Quando uma política inflacionista chega ao fim dessa maneira, é preciso tempo para ajustar os excessos. As pessoas tornam-se descrentes e recusam novas rodadas de crédito fácil. Talvez uma nova geração tenha de surgir, para que a memória coletiva seja totalmente apagada e uma nova onda de ilusão possa tomar conta do país.

Segundo Mises, o principal fator por trás dessa ilusão coletiva é ideológico. Tanto os políticos como os empresários encaram a redução da taxa de juros como uma meta essencial da política econômica. A expansão do crédito circulante é vista como o meio adequado para atingir essa meta. Enquanto as pessoas não entenderem que o único meio sustentável de redução da taxa de juros é o maior acúmulo de capital, por meio da poupança, essas ondas de euforia seguida de pânico irão continuar. Os bancos devem atuar como intermediários entre poupadores e investidores, mas não devem ter o poder de *criar* crédito com lastro inexistente. O conhecimento de que o governo estará disponível no caso de emergências cria um *moral hazard*, fazendo com que os bancos sejam ainda mais agressivos e irresponsáveis na política de crédito circulante. Se a crise pudesse seguir seu curso livremente, para impor as duras penalidades nos agentes que assumiram mais dívida do que podiam, todos seriam mais cuidadosos com o crédito no futuro. Mas a opinião pública aprova a assistência do governo durante as crises, o que apenas estimula o comportamento irresponsável.

Em resumo, a política de expandir o crédito circulante deverá inevitavelmente acabar algum dia. Se for mais cedo, por uma mudança dos próprios bancos retraindo o crédito, o estrago causado por investimentos indesejados será menor. Se for mais tarde, uma catástrofe poderá ser inevitável, pois apenas uma depressão poderá limpar todos os erros da era de prosperidade ilusória. As pessoas precisam

aceitar a realidade, em vez de sonhar com milagres. A taxa de juros não é algo que pode ser impunemente manipulada por governos ou bancos. Ela é um importante preço de mercado, que equilibra poupança e investimento. Enquanto as pessoas julgarem que uma maçã hoje vale mais do que uma daqui a um ano, haverá taxa de juros para equacionar as preferências intertemporais dos agentes. Os investimentos produtivos dependem sempre de capital acumulado, justamente para deixar de consumir mais agora e ter mais depois. Acreditar que é possível ter e comer o bolo ao mesmo tempo, que podemos simplesmente forçar na marra a taxa de juros para baixo, para aumentar os investimentos sem a contrapartida de mais poupança real, não passa de uma grande e perigosa ilusão.

POLILOGISMO

Em 1944, Mises escreveu *Omnipotent Government*, no qual explica o crescimento da idolatria ao Estado que levou ao nazismo na Alemanha, fomentando um ambiente de guerras ininterruptas. Em uma parte do livro, Mises explica uma das coisas que os nazistas pegaram emprestado do marxismo: o polilogismo. Até a metade do século XIX, ninguém contestava o fato de que a estrutura lógica da mente é comum a todos os seres humanos. “Todas as inter-relações humanas são baseadas na premissa de uma estrutura lógica uniforme”, diz Mises. Podemos nos comunicar justamente porque apelamos a algo comum a todos, a estrutura lógica da razão.

Claro que alguns homens podem pensar de forma mais profunda e refinada que outros, assim como algumas pessoas não conseguem compreender um processo de inferência em longas cadeias de pensamento dedutivo. Mas isso não nega a estrutura lógica uniforme. Mises cita como exemplo alguém que pode contar apenas até três, lembrando que, mesmo assim, sua contagem, até seu limite, não difere daquela feita por Gauss ou Laplace. É justamente porque todos consideram esse fato inquestionável que os homens entram em discussões, trocam ideias ou escrevem livros. Seria simplesmente impossível uma cooperação intelectual entre os indivíduos sem isso. Os homens tentam provar ou refutar argumentos porque compreendem que as pessoas utilizam a mesma estrutura lógica. Qualquer povo existente reconhece a diferença entre afirmação e negação e pode entender que A não pode ser, ao mesmo tempo, o contrário de A.

No entanto, apesar desse fato ser bastante evidente, ele foi contestado por Marx e pelos marxistas, entre eles o “filósofo proletário” Dietzgen. Para eles, o pensamento é determinado pela classe social da pessoa, e o pensamento não produz verdades, mas ideologias. Para os marxistas, os pensamentos não passam de um disfarce para os interesses egoístas da classe social a qual esse pensador pertence. Nesse contexto, seria inútil discutir qualquer coisa com pessoas de outra classe social. O que se segue disso é que as “ideologias não precisam ser refutadas por meio do raciocínio discursivo; elas devem ser *desmascaradas* através da denúncia da posição da classe, a origem social de seus autores”. Se uma teoria científica é revelada por um burguês, o marxista não precisa atacar seus méritos. Basta ele denunciar a origem burguesa do cientista.

O motivo pelo qual os marxistas buscaram refúgio no polilogismo pode ser encontrado na incapacidade de refutação por métodos lógicos das teorias econômicas “burguesas”. Quando o próprio Mises demonstrou que o socialismo seria impraticável, pela impossibilidade de cálculo econômico racional, os marxistas não apontaram qualquer erro em sua análise lógica. Preferiram apelar para o estratagem do polilogismo, fugindo do debate com a desculpa de que sua teoria era uma defesa dos interesses de classe. O sucesso dessa tática marxista foi incrível, sem precedentes. Foi usado como “prova” contra qualquer crítica racional feita ao marxismo e sua pseudoeconomia. Isso permitiu um crescimento assustador do estatismo moderno.

Conforme Mises lembra, “o polilogismo é tão intrinsecamente sem sentido que ele não pode ser levado consistentemente à suas últimas consequências lógicas”. Nenhum marxista foi corajoso o suficiente para tentar fazer isso. Afinal, o princípio do polilogismo levaria à inferência de que os ensinamentos marxistas não são objetivamente verdadeiros, mas apenas afirmações “ideológicas”. Os marxistas negam essa conclusão lógica de sua própria postura epistemológica. Para eles, sua doutrina é a verdade absoluta. São completamente inconsistentes. O próprio Marx não era da classe dos proletários. Mas, para os marxistas, alguns intelectuais conseguem se colocar acima desse paradoxo. Os marxistas, claro. Não é possível refutar isso, pois se alguém discorda, apenas prova que não faz parte dessa elite especial, capaz de superar os interesses de classe e enxergar além.

Os nacionalistas alemães tiveram de enfrentar o mesmo tipo de problema dos marxistas. Eles não eram capazes de demonstrar suas declarações ou refutar as

teorias econômicas contrárias. “Logo”, explica Mises, “eles buscaram abrigo sob o telhado do polilogismo, preparado para eles pelos marxistas”. Algumas mudanças foram necessárias para a adaptação, mas a essência é a mesma. Basta trocar classe por nação ou raça, e pronto. Cada nação ou raça possui uma estrutura lógica própria e, portanto, sua própria economia, matemática ou física. Pela ótica marxista, pensadores como Ricardo, Freud, Bergson e Einstein estavam errados porque eram burgueses; pela ótica nazista, eles estavam errados porque eram judeus. O coletivismo, seja de classe ou raça, anula o indivíduo e sua lógica universal.

Tanto o polilogismo marxista como o nacional-socialista se limitaram à afirmação de que a estrutura lógica da mente é diferente para as várias classes ou raças. Nenhum deles tentou elaborar melhor isso, tampouco demonstrar como exatamente ocorria tal diferença. Nunca entraram nos detalhes, preferindo, ao contrário, concentrar o foco na conclusão. No fundo, o polilogismo tem todas as características de um dogma. Se há divergência de opinião dentro da própria classe ou raça, ele adota um mecanismo peculiar para resolver a questão: os oponentes são simplesmente tratados como traidores. Para os marxistas e nazistas, existem apenas dois grupos de adversários: aqueles errados porque não pertencem à mesma classe ou raça, e aqueles oponentes da mesma classe ou raça que são traidores. Com isso, eles ignoram o incômodo fato de que há dissensão entre os membros da sua própria classe ou raça.

Deixo os comentários finais com o próprio Mises: “O polilogismo não é uma filosofia ou uma teoria epistemológica. Ele é uma atitude de fanáticos limitados, que não conseguem imaginar que alguém pode ser mais razoável ou inteligente que eles mesmos. O polilogismo também não é científico. Ele é a substituição da razão e da ciência por superstições. Ele é a mentalidade característica de uma era do caos”.

CONCLUSÃO

A contribuição de Mises ao mundo das ideias foi espetacular, e eu não teria a pretensão de esgotar seu legado em poucas linhas. Mises refutou o socialismo, mostrando como o cálculo racional era impossível sob esse sistema. Quanta desgraça poderia ter sido evitada se Mises tivesse sido mais ouvido! Mises mostrou como a política inflacionária criava uma sensação de prosperidade momentânea, porém totalmente ilusória, que inevitavelmente acabaria mal. Quanta miséria poderia ter sido evitada se Mises tivesse tido mais eco entre os economistas! Mises atacou o polilogismo dos nazistas e comunistas, mostrando que a lógica é uma só, independentemente da raça ou classe. Quanto derramamento de sangue poderia ter sido evitado se suas ideias tivessem se espalhado mais! Em suma, o mundo poderia ser um lugar muito melhor caso as principais ideias de Mises tivessem sido recebidas com maior atenção e reflexão. A obra que Mises deixou pode ser usada para a construção de um mundo muito mais livre e próspero.

CATÁLOGO DE OBRAS

A produção escrita de Mises, como já referido, é extensa e reúne muitos volumes. Atualmente, o Liberty Fund disponibiliza ao público uma bela coleção dessas obras, cujos temas foram abaixo resumidos¹.

HUMAN ACTION

A Treatise on Economics

Por Ludwig von Mises

Editado por Bettina Bien Greaves

Glossário elaborado por Percy L. Greaves, Jr.

Segundo Ludwig von Mises, são as escolhas individuais, em resposta a juízos de valor subjetivos e pessoais, que acabam determinando os fenômenos de mercado, a saber, oferta e procura, preços, o padrão de produção e até mesmos lucros e prejuízos. Embora os governos possam, presumivelmente, estabelecer os “preços”, são os indivíduos que, com suas ações e escolhas, por meio da oferta competitiva por dinheiro, produtos e serviços, de fato determinam os “preços”. Portanto, Mises apresenta a economia não como um estudo de bens materiais, serviços e produtos, mas sim como um estudo das ações humanas.

Em **Ação Humana**, Mises parte das ideias apresentadas em sua obra *Teoria e História*, de que todas as ações e decisões baseiam-se nas necessidades, carências e desejos humanos, aprofundando-se na explicação de como o estudo dessa ação humana não só é uma ciência legítima (praxeologia), como essa ciência baseia-se no princípio das economias de livre mercado. Mises apresenta e discute todas as teorias econômicas existentes, e então passa a explicar como a única teoria da economia sensata, realista e viável é aquela que se baseia na forma como as necessidades e desejos dos seres humanos ditam as tendências, afetam os lucros e prejuízos, ajustam a oferta e procura, estabelecem preços e mantêm, regulam e controlam as forças econômicas. Ele analisa o socialismo e mostra que, embora se considere que os seres humanos sejam “iguais” perante a lei, ou seja, iguais em termos de oportunidade, eles continuam sendo desiguais em suas capacidades e

¹ Resumos elaborados por Liberty Fund, Inc.

necessidades. Essa desigualdade é que acaba desencadeando a concorrência e a cooperação, de forma que qualquer lei que tente equalizar qualquer indivíduo em termos de resultado será em vão. Além disso, Mises mostra como e por que os governos não podem esperar regular os mercados, estabelecer preços ou legislar para que haja igualdade de resultados; pelas mesmas razões, essas forças são controladas pelas pessoas, não pelos governos, e são as pessoas, não os governos, que mandarão nos mercados.

Essa obra fundamental é considerada por muitos como a chave para o estudo e a compreensão da economia de livre mercado e, possivelmente, de todo o futuro da economia do mercado global.

PLANNING FOR FREEDOM: LET THE MARKET SYSTEM WORK

A Collection of Essays and Addresses

Por Ludwig von Mises

Editado por Bettina Bien Greaves

Nessa Antologia, Mises oferece uma introdução articulada e acessível e uma crítica de dois temas que ele considera especialmente importantes: a inflação e o intervencionismo do governo. Mises acredita que a inflação, que é a expansão monetária, é destrutiva; ela destrói as poupanças e o investimento, que constituem a base da produção e da prosperidade. Os controles governamentais e o planejamento econômico nunca atingiram o que seus proponentes pretendiam. Mises argumenta, de forma consistente, que a solução à intervenção governamental é o livre mercado e a livre iniciativa, o que requer uma reforma no governo. Para isso, deve haver uma mudança nas ideias, deixando que o “sistema de mercado opere”. Não há melhor “planejamento para a liberdade” do que esse. Os dezessete ensaios de ***Planejando para a Liberdade: Deixe o Sistema de Mercado Operar*** estão conectados por meio de uma ideia dominante, melhor expressa por Mises em seu ensaio magistral “Lucro e Prejuízo”. Os ensaios da seção final do livro resumem as contribuições de Mises ao pensamento econômico e enfatizam sua firme crença no poder das ideias.

LIBERALISM

The classical Tradition

Por Ludwig von Mises

Editado por Bettina Bien Greaves

Esse livro apresenta os argumentos teóricos e práticos para o liberalismo na tradição clássica, definido por Mises como “a doutrina liberal da harmonia dos interesses justamente compreendidos de todos os membros da sociedade livre baseados no princípio da propriedade privada dos meios de produção”. O termo “liberalismo” vem da palavra latina *liber*, que significa “livre”. A base do liberalismo, segundo Mises, repousa sobre uma compreensão e reconhecimento da propriedade, da cooperação social, da ideia da liberdade, ética e moralidade, da democracia e do papel legítimo do governo. O liberalismo não é um partido político; trata-se de um sistema de organização social. O programa liberal tem por objetivo garantir a igualdade perante a lei e a liberdade de oportunidade, para que todos possam fazer suas próprias escolhas e tomar suas próprias decisões, desde que não interfiram nos direitos iguais dos outros. Ele não oferece privilégios especiais a ninguém. No liberalismo, o papel do governo limitar-se-ia a proteger as vidas, a propriedade e a liberdade de seus cidadãos de buscar seus próprios fins e objetivos. Mises é mais específico aqui do que em qualquer outro lugar ao aplicar o programa liberal à política econômica, seja ela interna, seja externa. Além disso, nesse livro Mises compara o liberalismo a outros sistemas concebíveis de organização social como o socialismo, o comunismo e o fascismo.

BUREAUCRACY

Por Ludwig von Mises

Editado por Bettina Bien Greaves

Burocracia compara duas formas de gestão econômica, a da economia livre de mercado e a da burocracia. Na economia de mercado, os empreendedores são impulsionados a atender os consumidores por seu desejo de obter lucros e evitar prejuízos. Em uma burocracia, os gestores devem cumprir ordens dadas pelo órgão legislativo sob o qual operam; eles não podem gastar sem autorização e não podem sair do caminho prescrito por lei.

Escrevendo numa época de socialismo exuberante, Ludwig von Mises aqui demonstra, de forma lúcida, como as eficiências da propriedade privada e o controle da produção do bem público acabaram triunfando em relação às conjecturas do “planejamento” estatal, por meio de códigos e do “oficialismo”.

ECONOMIC FREEDOM AND INTERVENTIONISM

An Anthology of Articles and Essays

Por Ludwig von Mises

Editado por Bettina Bien Greaves

Liberdade Econômica e Intervencionismo é uma cartilha do pensamento fundamental de Ludwig von Mises e uma antologia dos escritos do que foi provavelmente o expoente mais conhecido da Escola Austríaca de Economia. Esse volume contém quarenta e sete artigos editados pela aluna de Mises Bettina Bien Greaves. Entre eles, encontram-se as exposições de Mises do papel do governo, sua discussão sobre a desigualdade da riqueza, inflação, socialismo, bem-estar e educação econômica, bem como sua exploração do significado “mais profundo” da economia, na medida em que esta afeta relações aparentemente não econômicas entre os seres humanos. Esses artigos constituem uma leitura valiosa para aqueles que estudam a liberdade econômica e a ciência da ação humana.

THE ANTI-CAPITALISTIC MENTALITY

Por Ludwig von Mises

Editado por Bettina Bien Greaves

Em ***A Mentalidade Anticapitalista***, o respeitado economista Ludwig von Mises explica, de forma direta, as causas do medo irracional e ódio que muitos intelectuais e outros sentem pelo capitalismo. Em cinco capítulos concisos, ele detalha a causa dos mal-entendidos e consequentes medos que levam à resistência ao desenvolvimento econômico e mudança social. Ele enumera e refuta os argumentos econômicos e as objeções psicológicas e sociais contra a liberdade econômica na forma do capitalismo. Escrito durante o apogeu do socialismo do século XX, essa obra apresenta ao leitor uma visão lúcida e convincente das reações humanas ao capitalismo.

NATION, STATE, AND ECONOMY

Contributions to the Politics and History of Our Time

Por Ludwig von Mises

Editado por Bettina Bien Greaves

Algo essencial ao conceito de Mises de economia liberal clássica é a ausência de interferência pelo Estado. Na Segunda Guerra Mundial, a Alemanha e seus aliados foram sobrepujados pelas Forças Aliadas em termos de população, produção econômica e poderio militar, e sua derrota foi inevitável.

Mises acreditava que a Alemanha não deveria buscar vingança pela paz de Versalhes, mas sim adotar ideias liberais e uma economia de livre mercado, expandindo a divisão internacional do trabalho, o que ajudaria todas as partes. “Para nós e para a humanidade”, escreveu Mises, “só há uma única salvação: o retorno ao liberalismo racional”.

THE ULTIMATE FOUNDATION OF ECONOMIC SCIENCE

An Essay on Method

Por Ludwig von Mises

Editado por Bettina Bien Greaves

Nesse volume, Mises argumentou que a economia é uma ciência, pois a ação humana é uma ordem natural da vida, e que as ações dos humanos determinam os mercados e as decisões de capital. Por acreditar que essas ligações poderiam ser comprovadas cientificamente, Mises concluiu que a economia, com sua base nessa ação humana, é de fato uma ciência em si, e não uma ideologia ou uma doutrina metafísica.

THEORY AND HISTORY

An Interpretation of Social and Economic Evolution

Por Ludwig von Mises

Editado por Bettina Bien Greaves

Teoria e História é principalmente uma crítica a Karl Marx, a seu materialismo e sua predição da inevitabilidade do socialismo. Marx atribuía a criação de fer-

ramentas e máquinas, bem como a estrutura econômica da sociedade, a “forças produtivas materiais” indefinidas; Mises rejeita essa visão materialista; ele aponta que as ferramentas e máquinas são, na verdade, criadas por indivíduos que agem com base em ideias não materialistas.

O presente livro discute a teoria da economia, ou seja, o estudo da ação humana intencional e, em relação à história, traz o registro das ações passadas dos indivíduos.

THE THEORY OF MONEY AND CREDIT

Por Ludwig von Mises

Introdução de Lionel Robbins

Prefácio de Murray N. Rothbard

A Teoria do Dinheiro e do Crédito integrou a teoria monetária ao corpo principal da análise econômica pela primeira vez, fornecendo visões inovadoras e inéditas sobre a natureza do dinheiro e seu papel na economia, fazendo com que Mises passasse à vanguarda dos economistas europeus.

A Teoria do Dinheiro e do Crédito também apresentou uma nova teoria monetária do ciclo comercial, a qual, após uma maior elaboração pelo aluno de Mises, o ganhador do prêmio Nobel F. A. Hayek, veio a contestar todas as teorias anteriores sobre o ciclo comercial.

SOCIALISM

Por Ludwig von Mises

Tradução de J. Kahane

Prefácio de F. A. Hayek

Há mais de trinta anos, F. A. Hayek disse o seguinte da obra **Socialismo**: “Trata-se de uma obra sobre a economia política na tradição dos grandes filósofos da moral, como Montesquieu ou Adam Smith, que contém conhecimento perspicaz e profunda sabedoria... O mundo nunca mais foi o mesmo para nenhum de nós jovens que leram o livro quando ele foi publicado”. Essa é uma nova edição anotada do clássico publicado primeiramente em Alemão em 1922. Trata-se da refutação definitiva de praticamente todo tipo de socialismo já criado. Mises apresenta uma análise abran-

gente da sociedade, comparando os resultados do planejamento socialista com os do capitalismo de livre mercado em todas as áreas da vida.

ECONOMIC POLICY

Thoughts for Today and Tomorrow

Por Ludwig von Mises

Editado por Bettina Bien Greaves

Política Econômica contém seis palestras que Ludwig von Mises ministrou em 1959, no Centro de *Estudios Sobre la Libertad*, na Argentina. As palestras foram editadas postumamente pela esposa de Mises, Margit, e por George Koether, um aluno e amigo de toda a vida de Mises. O presente volume serve como uma excelente introdução ao que Mises considera serem as verdades simples da história em termos de princípios econômicos. Em uma linguagem direta, Mises explica temas como capitalismo, socialismo, intervencionismo, inflação, investimento estrangeiro, políticas e ideias.

O economista Fritz Machlup diz o seguinte sobre **Política Econômica**: “O presente livro reflete plenamente a posição fundamental do autor por aquilo que era – e ainda é – admirado por seguidores e desprezado por oponentes... Embora cada uma das seis palestras possa ser lida separadamente como um ensaio independente, a harmonia da série proporciona um prazer estético semelhante ao olharmos para a arquitetura de um edifício bem projetado”.

BETWEEN THE TWO WORLD WARS:

Monetary Disorder, Interventionism, Socialism, and the Great Depression

Por Ludwig Von Mises

Editado por Richard Ebeling

Em 1934, Ludwig von Mises deixou sua Áustria natal por temer os nazistas, que haviam confiscado todos seus escritos em 1938, em Viena, os quais Mises acreditava terem sido destruídos, o que não ocorreu. Em 1996, Richard e Anna Ebeling descobriram os artigos em um arquivo em Moscou. Esse volume do *Liberty Fund* representa um verdadeiro tesouro de importantes ensaios.

THE POLITICAL ECONOMY OF INTERNATIONAL REFORM AND RECONSTRUCTION

Por Ludwig Von Mises

Editado por Richard Ebeling

Após fugir da Áustria, Ludwig von Mises chegou aos Estados Unidos e continuou a escrever ensaios sobre economia. Entre os incluídos nesse volume, encontram-se os seguintes:

Os Princípios Norteadores para a Reconstrução da Áustria (1940).

Uma União Democrática Oriental: Uma Proposta de Criação de uma Paz Durável na Europa Oriental (1943).

Aspectos da Política Americana de Comércio Exterior (1943).

Problemas Econômicos do México (1943).

As Principais Questões nas Atuais Controvérsias Monetárias (1944).

Uma Proposta Não Inflacionária para a Reconstrução Monetária no Pós-Guerra (1944).



AS LIÇÕES

Os capítulos anteriores abordaram a vida e a obra de Ludwig von Mises, um homem que dedicou os noventa e dois anos de sua existência para uma busca sincera do conhecimento e da verdade. A história, infelizmente, não registra em seus anais muitas figuras como ele. Com efeito, são poucos os personagens sobre quem se pode afirmar: aquele indivíduo não só era dotado de uma grande capacidade intelectual como também possuía a força de vontade, a coragem e o caráter necessários para encarar a escuridão e acender luzes capazes de revelar, ao menos em parte, a verdade.

A verdade, não há dúvida, existe. O fato de nós, seres humanos, em virtude de nossas limitações e de nossos vícios, não a identificarmos ou a compreendermos em sua integralidade não significa que ela não exista. É como se estivéssemos em um quarto completamente escuro, cheio de móveis e objetos. O não conseguir enxergar o que há dentro do quarto não faz desaparecer aqueles móveis e objetos, eles existem e estão lá apesar da nossa ignorância. Só será possível vê-los, se formos capazes de iluminar o quarto. O mesmo se aplica ao campo do conhecimento. A verdade, seja na química, na física, na astronomia, na economia, existe, está posta, no entanto, muitas vezes, em virtude da nossa carência de luzes, é impossível reconhecê-la, a escuridão prevalece. E, da mesma forma que podemos acender uma vela e identificar os móveis e objetos que ocupam o quarto escuro, é possível produzir chamas que desvendem a verdade sobre a física, a química, a astronomia, a economia.

Este é o grande desafio da humanidade, apontar os faróis para o breu, lançar os barcos ao mar e buscar a verdade. Trata-se, porém, de uma jornada árdua para a qual nem todos os indivíduos estão preparados ou dispostos, enfrentá-la requer muito esforço e coragem, que, não raro, não são reconhecidos ou recompensados pelos demais. Esta tarefa, tão nobre e necessária, já foi desempenhada por grandes homens que, de fato, buscaram com sinceridade e independência a verdade em si. De outro lado, vale destacar que, no transcorrer da história, muitos também foram aqueles que almejavam impedir a revelação da escuridão, seja pelo uso da força, no caso de déspotas conservadores, seja pelo uso da fé, no caso de religiões intolerantes, seja pelo uso de falsos conceitos, no caso de teóricos míopes.

Como já referido, Mises está entre aqueles que buscaram a verdade em si, sua vida e sua obra comprovam isso. Ele é um destes homens singulares que dedicaram as horas mais preciosas de suas vidas para iluminar a escuridão, para oportunizar à humanidade uma maior aproximação com a verdade. Nesse sentido, as suas lições são como os facho de luz de um farol que, neste caso, não auxiliam a navegação de embarcações, mas, sim, o desenvolvimento da própria comunidade humana.

Com o intuito de disseminar essas luzes, durante o XXIII Fórum da Liberdade, realizado em Porto Alegre, nos dias 12 e 13 de abril de 2010, foi apresentada a mostra “As Lições de Mises”. Essa mostra buscou inspiração na obra “As Seis Lições”, livro organizado e publicado pela esposa de Mises, Margit, após o falecimento do seu marido, que representa uma série de palestras por ele proferidas, em 1958, no auditório da Universidade de Buenos Aires. Naquela oportunidade, Mises abordou seis temas que, posteriormente, seriam transcritos e publicados na forma de seis lições, a saber, *i)* capitalismo, *ii)* socialismo, *iii)* intervencionismo, *iv)* inflação, *v)* investimento externo e *vi)* políticas e idéias.

A proposta dessa mostra foi oportunizar aos visitantes um contato mais próximo com os conceitos formulados por Mises, de modo que as luzes por ele acessas pudessem clarear o horizonte de mais pessoas e contribuir para a reflexão pessoal e consciente daqueles que realmente estão dispostos a buscar o conhecimento. Para tanto, partindo das seis lições acima referidas, as palavras de Mises, lançadas em diversas obras de sua autoria, foram expostas em espaços contemplativos e interativos.

O mesmo propósito tem o presente capítulo, que registrará, nas próximas páginas, uma seleção de trechos escritos por Ludwig von Mises. Vale referir, a propósito, que as citações aqui transcritas, apenas com alguns acréscimos, são as mesmas expostas na mostra e seguem a mesma ordem daquela exposição. Além disso, também é importante destacar que esses trechos estão acompanhados da identificação precisa de sua origem (obra, editora, edição, página), de modo que, desde já, se recomenda, para uma mais adequada e profunda análise das ideias de Mises, a leitura das próprias obras, onde o autor desenvolve os fundamentos que sustentam as suas constatações.

Pois bem, as duas primeiras lições de Mises tratam de dois modelos antagônicos de organização social, o capitalismo e o socialismo. De um lado está o capitalismo, sistema fundado na propriedade privada dos meios de produção e caracterizado pela soberania do consumidor, do outro, o socialismo, cuja proposta central é a abolição da propriedade privada e o planejamento central da economia. O objetivo de Mises, ao abordar esses dois temas, é descrever com precisão os seus verdadeiros significados, evitando, desta forma, os perigos oriundos de definições equivocadas.

1

“Uma sociedade na qual se praticam os princípios liberais geralmente é chamada de uma sociedade capitalista e a condição desta sociedade, de capitalismo.”

Ludwig von Mises, em *Liberalism*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 2005, p. XXV).

CAPITALISMO

SOCIALISMO

“Socialismo ou comunismo é aquela organização da sociedade na qual a propriedade – o poder de empregar todos os meios de produção – está nas mãos da sociedade, ou seja, do estado como o aparato social de coação e coerção.”

Ludwig von Mises, em *Liberalism*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 2005, p. 39).

2

“O liberalismo defende a propriedade privada dos meios de produção, pois espera um padrão de vida superior a partir dessa organização econômica, não porque deseja ajudar os proprietários.”

Ludwig von Mises, em *Socialism*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 1981, p. 46).

CAPITALISMO

SOCIALISMO

“O objetivo do Socialismo é transferir os meios de produção da propriedade privada para a propriedade da sociedade organizada, para o Estado.”

Ludwig von Mises, em *Socialism*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 1981, p. 45).

3

“Os liberais sustentam que o único sistema viável para a cooperação humana em uma sociedade baseada na divisão do trabalho é a propriedade privada dos meios de produção.”

Ludwig von Mises, em *Liberalism*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 2005, p. 2).

CAPITALISMO

SOCIALISMO

“Abolir a propriedade privada dos meios de produção, tornar os meios de produção propriedade da comunidade, este é o objetivo do Socialismo.”

Ludwig von Mises, em *Socialism*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 1981, p. 40).

4

“No sistema capitalista, o trabalhador recebe o valor do produto de seu trabalho. (...) Portanto, é de interesse do próprio trabalhador que sua produtividade seja a maior possível.”

Ludwig von Mises, em *Socialism*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 1981, p. 152).

CAPITALISMO

SOCIALISMO

“No socialismo, a ligação usual entre o trabalho realizado e a respectiva remuneração não pode existir.”

Ludwig von Mises, em *Socialism*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 1981, p. 152 e 153).

5

“Em uma sociedade capitalista, cada indivíduo sabe que pode gozar do fruto do seu trabalho, que sua renda aumenta ou diminui dependendo se sua produtividade é maior ou menor.”

Ludwig von Mises, em *Liberalism*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 2005, p. 46).

CAPITALISMO

SOCIALISMO

“Em uma sociedade socialista, todo indivíduo pensará que menos depende da eficiência do seu próprio trabalho, pois uma parte fixa da produção total será dele de qualquer forma e a quantidade desta não pode ser diminuída de forma apreciável pela perda resultante da preguiça de um determinado indivíduo.”

Ludwig von Mises, em *Liberalism*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 2005, p. 46).

6

“Sempre e em todos os lugares o Liberalismo exige a democracia imediatamente, (...) Sem democracia o desenvolvimento pacífico do estado é impossível.”

Ludwig von Mises, em *Socialism*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 1981, p. 71).

CAPITALISMO

SOCIALISMO

“Não se encontra nada na história ou na história literária da teoria socialista que mostre uma ligação interna entre a ordem socialista e a democracia política.”

Ludwig von Mises, em *Socialism*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 1981, p. 73).

7

“...o governo representativo é o corolário político da economia de mercado.”

Ludwig von Mises, em *Economic Freedom and Interventionism*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 1990, p. 174).

CAPITALISMO

SOCIALISMO

“A tirania é o corolário político do socialismo.”

Ludwig von Mises, em *Economic Freedom and Interventionism*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 1990, p. 174).

8

“Pois o Liberalismo nunca quis ser mais do que uma filosofia da vida terrena.”

Ludwig von Mises, em *Socialism*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 1981, p. 37).

“Ele busca produzir somente o bem-estar exterior porque sabe que as riquezas interiores, espirituais, não podem chegar ao homem de fora, mas somente de dentro de seu próprio coração.”

Ludwig von Mises, em *Liberalism*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 2005, p. XX).

CAPITALISMO

SOCIALISMO

“Os ensinamentos antiliberais prometem tudo. Prometem felicidade e paz de espírito, como se o homem pudesse ser abençoado a partir de fontes externas”

Ludwig von Mises, em *Socialism*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 1981, p. 37).

9

“No Capitalismo, o artista e o cientista possuem muitas alternativas a sua disposição.”

Ludwig von Mises, em *Socialism*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 1981, p. 167).

CAPITALISMO

SOCIALISMO

“[No Socialismo], os que não agradam os detentores do poder não podem pintar ou esculpir ou reger uma orquestra. Suas obras não são impressas ou apresentadas.”

Ludwig von Mises, em *Socialism*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 1981, p. 166).

10

“No Capitalismo, a manutenção e acúmulo de capital é uma das funções da distribuição desigual da propriedade e da renda.”

Ludwig von Mises, em *Socialism*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 1981, p. 178).

CAPITALISMO

SOCIALISMO

“No Socialismo, a manutenção e o acúmulo de capital são tarefas para a comunidade organizada – o Estado.”

Ludwig von Mises, em *Socialism*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 1981, p. 178).

11

“Fica claro que qualquer análise da ordem capitalista não deve tomar como ponto central nem o capital, nem os capitalistas, mas sim o empreendedor.”

Ludwig von Mises, em *Socialism*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 1981, p. 187).

CAPITALISMO

SOCIALISMO

“Mas o Socialismo, (...), vê no empreendedor alguém que é alheio ao processo de produção, alguém cujo trabalho se resume à apropriação da mais-valia.”

Ludwig von Mises, em *Socialism*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 1981, p. 187).

12

“No Capitalismo, o stress da concorrência tende a direcionar a mão-de-obra e o capital aos lugares mais adequados.”

Ludwig von Mises, em *Socialism*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 1981, p. 201).

CAPITALISMO

SOCIALISMO

“Em uma comunidade socialista fechada, o mesmo resultado teria que ser obtido através de um decreto administrativo.”

Ludwig von Mises, em *Socialism*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 1981, p. 201).

13

“O liberalismo tem por objetivo abrir todas as portas fechadas ao comércio. Mas de forma alguma deseja obrigar as pessoas a comprar ou vender. (...) No Capitalismo, segundo os preceitos dos partidários do Livre Comércio, as fronteiras não teriam sentido.”

Ludwig von Mises, em *Socialism*. (Liberty Fund, Indianapolis, 1981, p. 208).

CAPITALISMO

SOCIALISMO

“No Socialismo, a situação seria diferente. Seria impossível para uma comunidade socialista possuir meios de produção que ficassem fora de suas próprias fronteiras.”

Ludwig von Mises, em *Socialism*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 1981, p. 208).

14

“O Liberalismo não contesta a necessidade de uma ordem legal quando ela restringe o campo de atividade do Estado e certamente não vê o Estado como um mal.”

Ludwig von Mises, em *Socialism*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 1981, p. 46).

CAPITALISMO

SOCIALISMO

“Já no caso do Socialismo, (...) ele deve necessariamente tentar expandir o campo controlado pela ordem compulsória do Estado, pois seu objetivo explícito é abolir a ‘anarquia da produção.’”

Ludwig von Mises, em *Socialism*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 1981, p. 46).

15

“O cálculo econômico capitalista, que em si já torna possível a produção racional, baseia-se no cálculo monetário.”

Ludwig von Mises, em *Liberalism*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 2005, p. 47).

CAPITALISMO

SOCIALISMO

“Tal sistema social [Socialismo], portanto, por necessidade, careceria dos meios para uma gestão racional das empresas, ou seja, do cálculo econômico.”

Ludwig von Mises, em *Liberalism*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 2005, p. 47).

16

“Para a construção de uma ferrovia de A para B... Em uma sociedade capitalista é fácil calcular que linha provará ser a mais lucrativa. Verifica-se o custo envolvido na construção de cada uma das três linhas e as diferenças nos custos operacionais necessariamente incorridos pelo tráfego que, segundo cálculos, haverá em cada uma delas.

Ludwig von Mises, em *Liberalism*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 2005, p. 47).

CAPITALISMO

SOCIALISMO

“Para a construção de uma ferrovia de A para B... Uma sociedade socialista não poderia fazer estes cálculos, pois não teria como reduzir a um padrão uniforme de medida todas as quantidades e qualidades heterogêneas dos bens e serviços que entram em jogo neste caso.”

Ludwig von Mises, em *Liberalism*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 2005, p. 47 e 48).

17

“A livre concorrência faz tudo o que é necessário. Toda a produção deve satisfazer a vontade dos consumidores. (...) A partir deste ponto de vista, a sociedade capitalista é uma democracia na qual cada centavo representa uma cédula eleitoral. (...) Trata-se da democracia dos consumidores.”

Ludwig von Mises, em *Socialism*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 1981, p. 400).

CAPITALISMO

SOCIALISMO

“Além disso, na comunidade socialista, não são os trabalhadores em ramos separados da produção que decidem o que deve ser feito em seu próprio território econômico, mas sim a autoridade suprema da sociedade.”

Ludwig von Mises, em *Socialism*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 1981, p. 401).

18

“Enquanto na agenda liberal o princípio básico é uma tributação baixa, (...)”

Ludwig von Mises, em *Socialism*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 1981, p. 446).

CAPITALISMO

SOCIALISMO

“Os socialistas acham quanto mais pesado, melhor é o imposto.”

Ludwig von Mises, em *Socialism*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 1981, p. 446).

Na sua terceira lição, Mises registra os efeitos perniciosos resultantes da intervenção governamental na esfera econômica. Quando o governo se arroga o direito de restringir a soberania do consumidor, existente no sistema de mercado, e tomar as decisões econômicas por conta própria, por mais que as intenções sejam aparentemente boas, os resultados são sempre prejudiciais à sociedade. O intervencionismo, na verdade, só é capaz de alcançar dois objetivos: cerceamento da liberdade individual e ineficiência econômica.

1

“Pois se à maioria dos cidadãos é, em princípio, concedido o direito de impor seu modo de vida sobre a minoria, é impossível parar em proibições contra o uso de álcool, morfina, cocaína e drogas semelhantes.”

Ludwig von Mises, em *Liberalism*. (Liberty Fund, Indianapolis, 2005, p. 31).

2

“Por que aquilo que é válido para estas drogas não pode ser válido, também, para a nicotina, cafeína e semelhantes?”

Ludwig von Mises, em *Liberalism*. (Liberty Fund, Indianapolis, 2005, p. 31).

3

“Por que o estado não deveria, de forma geral, prescrever que alimentos podem ser consumidos e quais deveriam ser evitados por serem prejudiciais?”

Ludwig von Mises, em *Liberalism*. (Liberty Fund, Indianapolis, 2005, p. 31).

4

“Também nos esportes muitas pessoas são propensas a ir muito além do que sua resistência permite. Por que o estado não deveria interferir neste caso também?”

Ludwig von Mises, em *Liberalism*. (Liberty Fund, Indianapolis, 2005, p. 31).

5

“Ainda mais pernicioso que todos estes prazeres, muitos diriam, é a leitura de má literatura. Será que devemos permitir que concessões de uma editora aos instintos mais baixos do homem corrompam a alma? ...E a disseminação de falsas doutrinas sociológicas não é da mesma forma perniciosa aos homens e às nações?”

Ludwig von Mises, em *Liberalism*. (Liberty Fund, Indianapolis, 2005, p. 31 e 32).

6

“Vemos que assim que abrimos mão do princípio de que o estado não deve interferir em qualquer questão relacionada ao modo de vida dos indivíduos, acabamos regulando e restringindo este até o menor dos detalhes. A liberdade pessoal do indivíduo é abolida. Ele se torna um escravo da comunidade, fadado a obedecer o que é imposto pela maioria.”

Ludwig von Mises, em *Liberalism*. (Liberty Fund, Indianapolis, 2005, p. 32).

1

“Assim, todas as medidas de intervencionismo governamental têm por objetivo restringir a supremacia do consumidor. (...) Consideremos um exemplo de intervencionismo bastante conhecido em muitos países e experimentado, vezes sem conta, por inúmeros governos, especialmente em tempos de inflação. Refiro-me ao controle de preços.”

Ludwig von Mises, em *As Seis Lições*. (Instituto Liberal, Rio de Janeiro, 1998, p. 38).

2

“O governo acredita que o preço de um determinado produto, por exemplo, do leite, está demasiadamente alto.”

Ludwig von Mises, em *Planning for Freedom – Let the Market System Work*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 2008, p. 43/44).

3

“Portanto, recorre ao estabelecimento de um teto para os preços e fixa o preço do leite em um valor mais baixo do que o que prevalece no livre mercado.”

Ludwig von Mises, em *Planning for Freedom – Let the Market System Work*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 2008, p. 43/44).

4

“O resultado é que os pequenos produtores de leite, os que produzem ao maior custo, passam a sofrer perdas. Já que nenhum fazendeiro ou empresário pode continuar produzindo com perdas, estes pequenos produtores param de produzir e vender leite no mercado. Eles utilizarão suas vacas e sua habilidade para outros fins mais lucrativos.”

Ludwig von Mises, em *Planning for Freedom – Let the Market System Work*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 2008, p. 43/44).

5

“Haverá menos leite disponível aos consumidores, não mais. Isto, obviamente, vai contra as intenções do governo. Ele queria tornar mais fácil a compra de leite pela população.”

Ludwig von Mises, em *Planning for Freedom – Let the Market System Work*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 2008, p. 43/44).

6

“Mas, como resultado de sua interferência, há uma queda no abastecimento disponível. As medidas provaram ser abortivas do ponto de vista do governo e dos grupos que ele desejava favorecer.”

Ludwig von Mises, em *Planning for Freedom – Let the Market System Work*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 2008, p. 43/44).

Inflação, eis a quarta lição de Mises. O importante, nesse ponto, é não confundir causa e efeito. A causa da inflação não é, como muitos pensam, a elevação dos preços. Tal fenômeno é apenas a consequência inevitável do real motivador de qualquer processo inflacionário, qual seja, o aumento na quantidade de dinheiro. A inflação resulta, única e exclusivamente, da ação do governo ao imprimir mais papel moeda ou expandir o crédito artificialmente.

1

“Os problemas que o mundo tem que enfrentar atualmente são causados pela inflação galopante. Esta inflação é sempre o resultado de uma política de governo deliberada. Por um lado, o governo não está preparado para restringir seus gastos. Por outro, não deseja equilibrar seu orçamento através de impostos ou empréstimos públicos. Ele escolhe a inflação porque a considera um mal menor. Ele continua expandindo o crédito e aumentando a quantidade de dinheiro circulante porque não enxerga as consequências inevitáveis desta política.”

Ludwig von Mises, em *Planning for Freedom – Let the Market System Work*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 2008, p. 59).

2

“A inflação é o processo de um grande aumento na quantidade de dinheiro em circulação... A inflação deve resultar em uma tendência geral de aumento dos preços. Aqueles que ganham com essa quantidade adicional de moeda ficam em uma posição de expandir sua demanda pelos bens e serviços disponíveis no mercado. Uma demanda adicional deve, se tudo mais for igual, elevar os preços. Nenhum sofisma ou silogismo é capaz de afastar esta consequência inevitável da inflação.”

Ludwig von Mises, em *Planning for Freedom – Let the Market System Work*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 2008, p. 57/58).

3

“Aqueles que se ocupam de tentativas inúteis e vão de lutar contra as consequências inevitáveis da inflação – o aumento dos preços – estão mascarando seus esforços como uma luta contra a inflação. Ao combater os sintomas, eles fingem lutar contra a raiz do mal. E por não entenderem o nexos causal entre o aumento no dinheiro circulante e a expansão do crédito, por um lado, e o aumento dos preços, por outro, na prática eles acabam piorando ainda mais a situação.”

Ludwig von Mises, em *Planning for Freedom – Let the Market System Work*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 2008, p. 58).

4

“O melhor exemplo é o dos subsídios. Como já foi apontado, os tetos de preços reduzem a oferta porque a produção envolve uma perda para os pequenos produtores. Para evitar este resultado, os governos frequentemente dão subsídios aos produtores que operam com custos mais elevados. Estes subsídios são financiados a partir de uma expansão adicional do crédito. Portanto, resultam em um aumento na pressão inflacionária.”

Ludwig von Mises, em *Planning for Freedom – Let the Market System Work*.

(Liberty Fund, Indianapolis, 2008, p. 58).



Através de sua quinta lição, Mises ensina que a diferença entre países ricos e pobres não está na capacidade ou força de vontade dos seus cidadãos, mas, sim, na disponibilidade de capital. Posto de outra forma, é o capital disponível para investimentos que aumenta a produtividade dos indivíduos e, por consequência, a sua renda. Há, basicamente, duas alternativas para que um país possa encontrar capital disponível, a poupança interna ou o investimento estrangeiro.

1

“Hoje, grande parte das pessoas julga inadequadas as consideráveis diferenças de padrão de vida existentes entre muitos países... Hoje, todos os povos que não atingiram o padrão de vida médio dos Estados Unidos acreditam haver algo de errado na sua situação econômica.”

Ludwig von Mises, em *As Seis Lições*. (Instituto Liberal, Rio de Janeiro, 1998, p. 70/71).

2

“A diferença, repetimos, não reside na inferioridade pessoal nem na ignorância. A diferença está na disponibilidade de capital, na quantidade acessível de bens de capital. Em outras palavras, o montante de capital investido per capita é maior nas chamadas nações avançadas que nas nações em desenvolvimento.”

Ludwig von Mises, em *As Seis Lições*. (Instituto Liberal, Rio de Janeiro, 1998, p. 72).

3

“A diferença entre as nações mais desenvolvidas e as menos desenvolvidas se estabelece em função do tempo. Os ingleses começaram a poupar antes de todas as outras nações. Consequentemente, também começaram antes a acumular capital e investi-lo em negócios. Este foi o fator primordial para que se alcançasse, na Grã-Bretanha, um padrão de vida bastante elevado numa época em que, em todos os outros países europeus, prevalecia ainda um padrão consideravelmente baixo.”

Ludwig von Mises, em *As Seis Lições*. (Instituto Liberal, Rio de Janeiro, 1998, p. 73).

4

“Aconteceu, então, o fato mais importante da história do século XIX – e não me refiro apenas à história de um só país. Trata-se da expansão, no século XIX, do investimento externo... Sem esse investimento de capital, as nações menos desenvolvidas que a Grã-Bretanha teriam sido obrigadas a iniciar o seu desenvolvimento utilizando-se dos mesmos métodos e tecnologia usados pelos britânicos em princípio e meados do século XVIII. Seria preciso procurar imitá-los lentamente, passo a passo.”

Ludwig von Mises, em *As Seis Lições*. (Instituto Liberal, Rio de Janeiro, 1998, p. 73/74).

5

“Se afirmo que o investimento externo foi o maior acontecimento histórico do século XIX, faço-o no desejo de lembrar tudo aquilo que nem sequer existiria se não tivesse havido qualquer investimento externo. Todas as estradas de ferro, inúmeros portos, fábricas e minas da Ásia, o canal de Suez e muitas outras coisas no hemisfério ocidental não teriam sido construídos, não fosse o investimento externo.”

Ludwig von Mises, em *As Seis Lições*. (Instituto Liberal, Rio de Janeiro, 1998, p. 76).

6

“Uma única coisa falta para tornar os países em desenvolvimento tão prósperos quanto os Estados Unidos: capital. No entanto, é imprescindível que haja liberdade para empregá-lo sob a disciplina do mercado, não sob a do governo. É preciso que estas nações acumulem capital interno e viabilizem o ingresso do capital estrangeiro.”

Ludwig von Mises, em *As Seis Lições*. (Instituto Liberal, Rio de Janeiro, 1998, p. 81).

A sexta e última lição de Mises destaca que ideias têm consequências, que ideias não devem ser subestimadas, que as ideias são as molas propulsoras da sociedade humana. São elas que inspiram e sustentam a tomada de decisão dos seres humanos e, portanto, definem desde as opções mais simples do cotidiano até os rumos políticos dos agrupamentos sociais. A advertência de Mises é fundamental: jamais podemos esquecer o poder das ideias!

1

“Em uma batalha entre força e ideia, a última sempre prevalece.”

Ludwig von Mises, em *Liberalism*. (Liberty Fund, Indianapolis, 2005, p. 29).

2

“Tudo o que ocorre na sociedade de nossos dias é fruto de ideias, sejam elas boas, sejam elas más. Faz-se necessário combater as más ideias. Devemos lutar contra tudo o que não é bom na vida pública.”

Ludwig von Mises, em *As Seis Lições*. (Instituto Liberal, Rio de Janeiro, 1998, p. 97).

3

“Ideias, e somente ideias, podem iluminar a escuridão.”

Ludwig von Mises, em *As Seis Lições*. (Instituto Liberal, Rio de Janeiro, 1998, p. 97).

Ao encerrar a sua última palestra em Buenos Aires, Mises comentou que “*seis palestras podem ser excessivas para um auditório, mas não são bastantes quando se quer expor toda a filosofia que embasa o sistema de livre economia*”. De fato, ao conhecer a extensa obra de Ludwig von Mises, é impossível acreditar que seis palestras seriam suficientes para expor todos os fundamentos de sua teoria. Por essa razão, apesar de “As Seis Lições” ser capaz de transmitir com clareza e objetividade conceitos essenciais, muitas lições de Mises não foram abordadas naquela oportunidade, de modo que o presente capítulo não poderia deixar de registrar alguns outros excelentes trechos da sua obra.

1

“Historicamente, o liberalismo foi o primeiro movimento político que teve por objetivo promover o bem-estar de todos, não apenas o de alguns grupos.”

Ludwig von Mises, em *Liberalism*. (Liberty Fund, Indianapolis, 2005, p. XXII).

2

“Se muitos empreendedores atualmente defendem tarifas protecionistas, isto não é nada mais do que a forma que o antiliberalismo assume em seu caso. Não tem nada a ver com liberalismo.”

Ludwig von Mises, em *Liberalism*. (Liberty Fund, Indianapolis, 2005, p. XXVII).

3

“Todo o poder humano seria insuficiente para tornar os homens realmente iguais. Os homens são e sempre serão desiguais.”

Ludwig von Mises, em *Liberalism*. (Liberty Fund, Indianapolis, 2005, p. 10).

4

“Eis a função que a doutrina liberal atribuiu ao estado: a proteção da propriedade, da liberdade e da paz.”

Ludwig von Mises, em *Liberalism*. (Liberty Fund, Indianapolis, 2005, p. 17).

5

“Todos que entram em um parlamento com a responsabilidade de lá decidir como o país deve ser governado devem estar imbuídos da convicção de que os interesses devidamente entendidos de todas as partes e membros da sociedade coincidem e que todo tipo de privilégio especial para certos grupos e classes da população é prejudicial ao bem comum, devendo ser eliminado.”

Ludwig von Mises, em *Liberalism*. (Liberty Fund, Indianapolis, 2005, p. 132).

6

“Provar que o cálculo econômico seria impossível na comunidade socialista também significa provar que o Socialismo é impraticável.”

Ludwig von Mises, em *Socialism*. (Liberty Fund, Indianapolis, 1981, p. 117).

7

“Portanto, a Sociedade não é um fim, mas um meio, o meio pelo qual cada indivíduo busca atingir seus próprios fins.”

Ludwig von Mises, em *Socialism*. (Liberty Fund, Indianapolis, 1981, p. 264).

8

“A história é uma luta entre dois princípios, o princípio pacifista, que promove o desenvolvimento do comércio, e o princípio militarista-imperialista, que interpreta a sociedade humana não como uma divisão amistosa do trabalho, mas como a repressão forçada de alguns de seus membros por outros.”

Ludwig von Mises, em *Socialism*. (Liberty Fund, Indianapolis, 1981, p. 268).

9

“Ao resmungão que se queixa da injustiça do sistema de mercado, pode-se dar apenas um conselho: se você quiser ficar rico, então tente satisfazer o público oferecendo algo mais barato ou de que ele goste mais... A igualdade perante a lei lhe dá o poder de desafiar todos os milionários. Em um mercado não sabotado por restrições impostas pelo governo, a culpa é única e exclusivamente sua se você não desbancar o rei do chocolate, a estrela de cinema ou o campeão de boxe.”

Ludwig von Mises, em *The Anti-capitalistic Mentality*. (Liberty Fund, Indianapolis, 2006, p. 6).

10

“A poupança, o acúmulo de capital, foram os meios que, passo a passo, transformaram a árdua busca por alimento pelos selvagens trogloditas nos métodos modernos da indústria. O que impulsionou esta evolução foram as ideias que criaram o marco institucional no qual o acúmulo de capital foi assegurado pelo princípio da propriedade privada dos meios de produção. Cada passo adiante no caminho rumo à prosperidade é o efeito da poupança.”

Ludwig von Mises, em *The Anti-capitalistic Mentality*. (Liberty Fund, Indianapolis, 2006, p. 24).

11

“A recorrência de períodos de depressão e desemprego em massa tem desacreditado o capitalismo na opinião de pessoas imprudentes. No entanto, estes eventos não são o resultado do funcionamento do livre mercado. Pelo contrário, eles são o resultado de uma interferência bem intencionada, porém desacertada, do governo no mercado.”

Ludwig von Mises, em *Planning for Freedom – Let the Market System Work*. (Liberty Fund, Indianapolis, 2008, p. 47).

12

“O homem não é, como os animais, um fantoche servil dos instintos e dos impulsos sensuais. O homem tem o poder de suprimir desejos instintivos, possui vontade própria, escolhe entre fins incompatíveis. Neste sentido, ele é uma pessoa moral, neste sentido ele é livre.”

Ludwig von Mises, em *The Ultimate Foundation of Economic Science*. (Liberty Fund, Indianapolis, 2006, p. 51).

13

“Quem deseja a paz entre as pessoas deve lutar contra o estatismo.”

Ludwig von Mises, em *Nation, State, and Economy*. (Liberty Fund, Indianapolis, 2006, p. 63).

14

“Eles [o Utilitarismo e o Liberalismo] exigem a liberdade de expressão e de imprensa porque esperam o triunfo da verdade apenas a partir do embate de opiniões opostas. Eles rejeitam qualquer autoridade porque acreditam no homem.”

Ludwig von Mises, em *Nation, State, and Economy*. (Liberty Fund, Indianapolis, 2006, p. 179).

15

“O consumidor, ou seja, todo mundo, determina através de sua compra ou sua abstenção de comprar, o que deve ser produzido, em que quantidade e com que qualidade. Os empresários são obrigados, pela instrumentalidade do sistema de perda e lucro, a obedecer as ordens dos consumidores.”

Ludwig von Mises, em *Economic Freedom and Interventionism*. (Liberty Fund, Indianapolis, 2007, p. 4).



PÓS-FÁCIO

Ludwig von Mises, não há como duvidar, dedicou a sua vida ao saber e à liberdade. Difícil imaginar propósitos mais elevados, que justifiquem melhor a existência humana.

O saber nos torna mais completos e contribui para a evolução da sociedade, aprimorando nossas relações interpessoais, gerando mais conforto para nós e para as gerações futuras e permitindo, em uma abordagem aristotélica, o florescimento humano, a concretização da própria razão de ser do homem.

A liberdade, fruto do arbítrio e da razão, é o que nos distingue dos demais seres vivos. Se nos é negado o direito de decidir sobre as nossas próprias ações, nada mais nos separa de uma matilha de cães ou de uma manada de búfalos. A natureza mesma do homem é violada de maneira irreversível, e os seres humanos são transformados em brinquedos nas mãos de déspotas, burocratas, planejadores governamentais e toda sorte de indivíduo que se acredita melhor ou mais virtuoso que os seus concidadãos.

Assim sendo, por também acreditar que o saber e a liberdade são causas pelas quais vale a pena viver e que, conforme referia Mises, *ideias, e somente ideias, podem iluminar a escuridão*, é que o presente livro foi redigido e publicado, com a esperança de que o brilhantismo das lições desse grande homem faça com que suas ideias se tornem mais conhecidas em nosso país e, quem sabe, em um futuro próximo, sejam consideradas na organização da nossa sociedade.



Esta obra foi composta por Frederico Antunes
em Alright Sans de Jackson Cavanaugh
e impressa pela Gráfica Pallotti em ofsete sobre papel
Pólen Bold e Paperfect da Suzano papel e celulose para o IEE.

2010



